

THALIA GONÇALVES

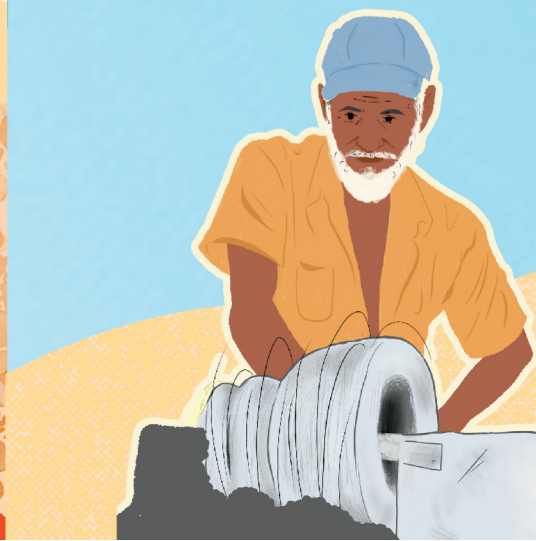
editora **UFOP**

50
UFOP
Universidade Federal
de Ouro Preto

MÃOS QUE CONTAM HISTÓRIAS

vida e obra de artesãos
cachoeirenses

Este livro é sobre afetos. Um olhar mais amplo e profundo para além da materialidade e da beleza que o artesanato oferece: os artesãos e suas histórias. Tendo como cenário o distrito de Cachoeira do Brumado (MG), este livro conta as histórias de cinco artesãos: Cassiana Ferreira Nunes, Artur Pereira, Adão de Lourdes Cassiano, Mário Ramos Eleutério e Geraldo José Teixeira. Por meio de perfis jornalísticos esta obra narra parte das histórias desses artesãos, mas também como as suas vidas e artes se mesclam, tornando-se uma coisa só. Em uma relação íntima e afetuosa, a autora se propôs a ouvir essas histórias e (re)contá-las, após...



MÃOS QUE
CONTAM HISTÓRIAS

VIDA E OBRA DE ARTESÃOS
CACHOEIRENSES



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

Reitora

Cláudia Aparecida Marlière de Lima

Vice-Reitor

Hermínio Arias Nalini Jr.



editora**UFOP**

Diretor Executivo

José Rubens Lima Jardimino

Coordenador Editorial

Daniel Ribeiro Pires

Assessor da Editora

Alvimar Ambrósio

Diretoria

Francisco José Daher Jr. (Coordenador de Comunicação Institucional)

Paulo de Tarso Amorim Castro (Presidente do Conselho Editorial)

Marcos Eduardo Carvalho Gonçalves Knupp (Proex)

Sérgio Francisco Aquino (Propp)

Tânia Rossi Garbin (Prograd)

Daniel Ribeiro Pires (Representante TAE)

Conselho Editorial

Prof. Dr. Adriano Medeiros da Rocha

Prof. Dr. Douglas da Silva Tinti

Prof. Dr. Flávio Pinto Valle

Prof. Dr. Paulo de Tarso Amorim Castro

Thalia Gonçalves

MÃOS QUE
CONTAM HISTÓRIAS
VIDA E OBRA DE ARTESÃOS
CACHOEIRENSES

1ª edição

Ouro Preto
2023

© EDUFOP

Coordenação Editorial

Daniel Ribeiro Pires

Capa

Fernanda Fidélis

Diagramação

Propagare Comercial Ltda.

Revisão

Tikinet

Ficha Catalográfica

(Elaborado por: Elton Ferreira de Mattos - CRB6-2824, SISBIN/UFOP)

G635m Gonçalves, Thalia.

Mãos que contam histórias : vida e obra de artesãos cachoeirenses /

Thalia Gonçalves. – 1. ed. – Ouro Preto : Editora UFOP, 2023.

122 p. il.: color.

1. Artesanato - Cachoeira do Brumado (Mariana, MG). 2. Artesãos -
Cachoeira do Brumado (Mariana, MG). 3. Memória coletiva. I. Título.

CDU: 334.712(815.1)

ISBN 978-65-89785-12-5

Todos os direitos reservados à Editora UFOP. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, arquivada ou transmitida por qualquer meio ou forma sem prévia permissão por escrito da Editora. A originalidade dos conteúdos e o uso de imagens são de responsabilidade dos autores da obra.

Obra aprovada no Edital 50 anos da UFOP - 03/2019 e publicada apenas no ano de 2023 em decorrência dos prejuízos operacionais causados pela PANDEMIA DO COVID-19

EDITORA UFOP

Campus Morro do Cruzeiro

Centro de Comunicação Institucional, 2º andar

Ouro Preto / MG, 35400-000

www.editora.ufop.br / editora@ufop.edu.br

(31) 3559-1463

*À minha avó Cocota, que está presente de
várias formas em cada linha deste livro.
E a todos os artesãos cachoeirenses, especialmente Cassiana,
Artur, Adão, Mário e Geraldo, que, por meio de suas artes,
deram e dão mais cores e sabores às nossas vidas.*

AGRADECIMENTOS

Por trás de toda a beleza de um artesanato há pessoas que dedicaram o seu tempo e o seu trabalho para criar aquela peça. Se escrever é por vezes como fazer artesanato, não seriam diferentes a presença e a importância das pessoas por trás de toda a produção e do resultado deste livro. Por causa de cada um que colaborou, direta ou indiretamente, é que ele nasceu e esse sonho se tornou possível. Por isso, quero agradecer a cada um de vocês.

A Deus, o criador (e artesão) de todas as coisas, que sempre está comigo e é a minha fonte de fé, força e esperança.

Aos meus pais, Elenice e Nilton, que são a minha base de tudo! Obrigada, por entenderem as minhas ausências quando foram necessárias.

À Thais, minha irmã e melhor amiga, por todo amor e carinho e por ter sido, diversas vezes, a primeira pessoa a ouvir um trequinho do que escrevi e opinar sobre ele.

Aos meus familiares, especialmente às minhas avós, Cocota e Maria do Carmo, por serem exemplos de força feminina, persistência e fé em minha vida. Este livro também tem muito sobre vocês!

Aos meus amigos, por entenderem todas as vezes em que recusei os convites porque precisava me dedicar a este projeto. Agradecimentos especiais à Maria e à Lethícia, por toda amizade e companheirismo durante a graduação e na vida; à Shirley, por ser essa prima, amiga e madrinha tão especial; ao Cleyson, meu melhor amigo desde a infância, que, mesmo todas as vezes em que a gente ficou meses sem se ver ou conversar, continuava a torcer e acreditar em mim.

À Tamires, minha querida orientadora, que em meados de 2017 me recebeu em sua sala para uma xícara de chá e aceitou orientar este projeto quando ele ainda era só uma ideia. Obrigada por confiar em mim e em meu potencial, principalmente nos momentos em que eu mesma achei

que não seria capaz. Sou muito feliz pela nossa parceria e por tudo que aprendi e cresci com você nesses anos.

À Dayane, minha querida coorientadora, por acreditar em meu trabalho e no meu olhar para essas histórias. A sua atenção, o carinho e as conversas foram essenciais! Muitíssimo obrigada!

Aos professores do curso de Jornalismo da UFOP, por todo o conhecimento compartilhado durante esses anos. Um agradecimento em especial à professora Denise, que, por meio da nossa pesquisa de iniciação científica, me ajudou a redescobrir a beleza do artesanato e a me aproximar de laços e afetos que um dia eu esqueci.

Aos técnicos e demais profissionais da UFOP, especialmente aos do Icsa, por toda dedicação e carinho conosco. Sem vocês, a Universidade não seria a mesma, nem a nossa formação.

Às instituições: Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, Arquivo Eclesiástico Dom Oscar de Oliveira da Arquidiocese de Mariana, Cartório de Notas e Registro de Cachoeira do Brumado, Cartório de Registro Civil de Mariana e Câmara Municipal de Mariana, por terem me recebido durante as minhas pesquisas.

À Ana Mesquita Silva, Antônio Carlos Figueiredo, Cleusa Ulhôa, Efigênia da Conceição Ramos, Fernando Pereira Freitas, José dos Reis Pereira, Juracy Bezerra Eleutério Machado, Kelly Eleutério Machado Oliveira, Margarida Maria Pereira de Freitas, Maria Alves Bezerra Eleutério e Terezinha Martins da Silva, por cada palavra e sentimento comigo compartilhados e que foram essenciais para a escrita deste livro. Este trabalho é nosso!

À Bruna da Silva Santos, Cristiano Casimiro dos Santos, Heloísa Eleutério, Juraci Arlinda Borges Eleutério, Karini Freitas, Laryssa Gabellini, Prussiana Fernandes, Renan Quevedo, Rhaquel Rocha, Sandra Roza, Silvia Cristina Silvado e Taysa Bocard pelo apoio, colaboração e palavras amigas.

E, por último, mas não menos importante, à Cassiana, Artur, Adão, Mário e Geraldo, por vocês e seus familiares terem confiado em mim para (re)contar parte das suas histórias.

*Quando escrevo consigo afastar todas as preocupações.
Minha tristeza desaparece, meu ânimo renasce! Mas — e
essa é uma grande questão — será que conseguirei
escrever alguma coisa grande, será que me
tornarei jornalista ou escritora?*

O diário de Anne Frank

SUMÁRIO

13	PREFÁCIO
13	Escutar e recolher os cacos
17	POEMA
17	A minha Cachoeira
19	APRESENTAÇÃO
	CAPÍTULO 1 – CASSIANA FERREIRA NUNES
25	A mulher que teceu história
34	Bastidores: A menina que teceu palavras
	CAPÍTULO 2 – ARTUR PEREIRA
43	O artista com alma de bicho
55	Bastidores: A travessia da rua, o atravessamento do artista
	CAPÍTULO 3 – ADÃO DE LOURDES CASSIANO
63	O rei que esculpe histórias
73	Bastidores: Aprendendo a esculpir uma vida
	CAPÍTULO 4 – MÁRIO RAMOS ELEUTÉRIO
81	O tropeiro que tinha medo de ser esquecido
93	Bastidores: O tropeiro que vai, o legado que fica
98	Bastidores: Saudades das tropas
	CAPÍTULO 5 – GERALDO JOSÉ TEIXEIRA
101	A memória que sobrevive em um artesão
111	Bastidores: Lapidar panelas, lapidar sonhos
115	POSFÁCIO
115	Arremate final
121	SOBRE A AUTORA

PREFÁCIO

Escutar e recolher os cacos

Narrar histórias traz a uma jornalista responsabilidades que credibilizam seu trabalho sob os holofotes midiáticos, mas que oferecem também inseguranças e dificuldades nos bastidores do processo de escrita e apuração. Escrever não se trata da aplicação de uma técnica exata, de uma fórmula que gere um resultado irrefutável. Trata-se, antes, de sentir, mergulhar, buscar, questionar e de afogar-se em dados e afetos.

Aproximamo-nos das pessoas, apegamo-nos a determinadas memórias, descobrimos personagens e passamos a admirá-las, de forma que é difícil fazer uma checagem de acontecimentos que são relatados por outros, sobre tempos, pessoas e cidades que não estão mais ali; tudo e todos podem até estar vivos e com boa memória, mas o acontecimento não está mais lá para ser vivido, evanesceu. Não poder estar lá nos leva a uma investigação digna de detetives: o que essas pessoas sentiram, como se vestiam, com quem estavam, sentiam calor ou frio, quais eram os cheiros e o gosto do café e da quitanda saboreados na prosa ao fim da tarde?

Não basta oferecer atenção ao acontecimento selecionado para a pauta, mas temos de ser “olhadeiras” e “escutadeiras”, como defende Eliane Brum. O jornalismo, aquilo que é digno desse nome, não pode ser construído sem escuta, entrega e partilha. Como vamos pedir que outra pessoa se exponha e conte o que sabe e o que sente ao mesmo tempo em que construímos um muro que nos separa? A apuração jornalística serve para derrubar muros. Narrar é aproveitar a visão panorâmica, o encontro próximo, mas é também guardar alguns cacos dos tijolos quebrados para falar de tudo aquilo que é sutil, mas não é invisível aos nossos olhos.

Falar de artesanato pode até parecer algo banal, repetitivo, sobretudo quando pensamos na repercussão da cultura popular mineira. Mas conhecemos mesmo o artesanato ou temos acesso apenas a uma simplificação constantemente evocada, que invisibiliza algo mais profundo?

Assim como a pita, a pedra-sabão e a madeira, a escuta é a nossa matéria-prima. No jornalismo, o artesanato com palavras nos leva a privilegiar o protagonismo de personagens e de suas memórias, como Thalia faz no arremate das histórias de Cassiana Ferreira Nunes, Artur Pereira, Adão de Lourdes Cassiano, Mário Ramos Eleutério e Geraldo José Teixeira.

Talvez seja impossível falar de Minas Gerais sem mencionar seu patrimônio histórico. Ao reconstruir o legado artesanal de Cachoeira do Brumado, as mãos que contam histórias mostram que o maior patrimônio “das Gerais” e do país são as pessoas, a arte que emana do cotidiano, a criatividade advinda muitas vezes de contextos precários, os modos de falar e de olhar para o mundo.

Embora impregnada de uma tendência ao perfeccionismo que a levou a um “abandono da obra” confesso, Thalia traz um texto jornalístico intenso e apaixonado. Conseguimos não apenas acompanhar seu percurso de investigação e de aproximação com os personagens perfilados, mas também compreender que o livro fala da sua história em Cachoeira e revela a dificuldade de escrever sobre pessoas que sempre estiveram ali, pertinho de seu quintal e de sua vida.

Descobrir e se encantar com pessoas tão próximas, redescobrir o lugar em que se vive também tem seu ônus: a pressão de terminar uma obra que os represente, que não seja ficcional ou fantasiosa, que ajude a preencher o vazio acerca dessas pessoas que tanto orgulham uma comunidade. É, de fato, voltando a citar Eliane Brum, ocupar o lugar da repórter que “luta contra o esquecimento”, “transforma em palavra o que era silêncio”. Cachoeira do Brumado ultrapassa seu tamanho geográfico e se transporta para as nossas mãos, quando seguramos um livro com tanto afeto quanto uma obra artesanal, única, perfeita justamente em sua imperfeição.

Escrever é recolher cacos e reconstruir. É desenhar sons, cheiros, sensações para fazê-los caber (ou não) em palavras. Juntamos peças sol-

tas de um quebra-cabeça para conhecer a paisagem a ser ressignificada. Recolhemos também os cacos da pessoa que muda dentro de nós, ressignificamos nossa relação e nosso jeito de olhar para o mundo. Nossa escrita sobre o outro está impregnada de uma escrita sobre quem somos e sobre aquilo que nos afeta: nossos sonhos, amarguras, preconceitos. A boa escrita não necessariamente é aquela com a qual ganhamos prêmios, mas é aquela que nos modifica, que nos leva à posição de escutadeiras e nos torna pessoas melhores. É quando a gente percebe que pode reconstruir o mundo e transbordar os cacos. Narrar, escrever, sonhar e enfrentar o que somos nos leva ao artesanato de si.

Tamires Coêlho

POEMA

A minha Cachoeira

todos os dias, ao abrir a janela do meu quarto,
os sons lá foram me avisam:
você está em casa.
os cantos dos passarinhos
rapidamente se misturam
com o zum-zum dos tornos,
enquanto as mulheres tecem freneticamente
e as crianças correm pra escola.

se você olhar ao redor
tudo em Cachoeira do Brumado é belo:
as montanhas e as árvores,
as nuvens e o céu,
a cachoeira que nos banha,
as pessoas e as suas crenças,
as nossas comidas e festas,
a nossa cultura e tradição,
e, claro, o nosso artesanato.

por todos os lados,
Cachoeira do Brumado é arte.
seja nos muros onde o sisal seca
ou nos tapetes pendurados nas fachadas
seja nos pedaços de pedra-sabão nas ruas
ou nas panelas que cozinham o almoço,

Cachoeira respira arte

por todos os lados,
o nosso artesanato ganha vida
através das mãos de cada cachoeirense
(seja de sangue ou de coração).
o nosso artesanato, que alimenta o corpo e a alma
que encanta e acalma.
o nosso artesanato que também é uma (r)existência.

Thalia Gonçalves

Cachoeira do Brumado, 25 de março de 2019

APRESENTAÇÃO

“Cachoeira tem a queda d’água, que dá o nome à localidade; [tem] a procura de tapetes, produto de fibra de pita. Como diz: do piteirão nasce a pita, a pita é nossa piteira, ai se não fosse a pita, o que seria de Cachoeira! A panela de pedra hoje está muito reduzida, quase que não tira. Poucos paneleiros têm aqui, mas assim mesmo ainda fazem, alguns exportam ainda e vai panela daqui até pra São Paulo, não muita. Têm pessoas que vivem só disso mesmo pra sustentar a família, sem fazer fortuna; têm alguns que adquiriram alguma coisa com a panela de pedra. A escultura em madeira que está conhecida por toda parte até da Alemanha tem vindo pedidos”.

Aníbal de Freitas, poeta cachoeirense

Este livro nasce das memórias (e por causa delas também). Foram as memórias sobre a minha comunidade, o distrito marianense de Cachoeira do Brumado, em Minas Gerais, o nosso povo, as nossas tradições, culturas e, principalmente, o artesanato que me inquietaram e motivaram na produção deste livro.

Fruto de um trabalho árduo, de muita dedicação, pesquisa e aprendizado, esta obra foi escrita em 2019 e apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop) como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em julho daquele ano.

Por ser cachoeirense, acompanho de perto as mudanças e tensões da comunidade, dentre elas, a preocupação sobre não termos muitos registros que abordem as diversas narrativas locais, majoritariamente, contadas de forma oral. Por isso, por muito tempo, me questionei sobre como essas histórias seriam contadas às futuras gerações, mas também sobre como poderia contribuir nesse aspecto. Desses questionamentos surgiu a ideia

de produzir um livro de perfis, entretanto, como retratar uma Cachoeira do Brumado tão rica em histórias (e estórias) em apenas algumas páginas?

Com a sua origem atribuída à atividade mineradora, ainda no início do século XVIII, Cachoeira do Brumado é conhecida pela queda d'água que nomeia o distrito e pelo seu artesanato, especialmente os tapetes de sisal, as esculturas em madeira e as painéis de pedra-sabão — práticas tradicionais e de grande importância para o desenvolvimento cultural e econômico da comunidade. Para além do significado atribuído ao artesanato junto à vida e ao cotidiano cachoeirenses, parte dos meus questionamentos eram (e são) sobre o passado, o presente e, especialmente, o futuro desse saber-fazer artesanal, principalmente devido à minha relação íntima e afetiva com o artesanato cachoeirense. Por essa razão, os artesãos e os seus trabalhos foram a temática escolhida neste livro.

Mãos que contam histórias: vida e obra de artesãos cachoeirenses narra, em perfis jornalísticos, parte das histórias de cinco artesãos cachoeirenses e como as suas vidas e suas artes se entrelaçaram e entrelaçam em relações afetivas, culturais e de trabalho, passando por diferentes épocas e modos de viver. São eles: Cassiana Ferreira Nunes, pioneira na arte de tecer os tapetes de piteira, hoje feitos de sisal; Artur Pereira, precursor das esculturas em madeira na comunidade e renomado artista popular; Adão de Lourdes Cassiano, escultor cachoeirense e que foi incentivado por Artur Pereira; Mário Ramos Eleutério, artesão das painéis de pedra e ex-tropeiro; e Geraldo José Teixeira, produtor de painéis de pedra mais idoso ainda em atividade. É preciso também enfatizar que três dos cinco perfilados, Cassiana, Artur e Mário, já faleceram, e que sequer cheguei a conhecer os dois primeiros personagens.

Esta obra é composta por cinco capítulos, um para cada artesão, sendo eles divididos em dois momentos diferentes: no primeiro é narrada parte da história e da trajetória de cada perfilado no artesanato; o segundo traz um texto contando as minhas impressões, experiências, afetos, sentimentos e memórias do processo de produção e escrita desta obra. É nessas impressões que revelo parte do encontro de subjetividades, assim como bastidores dos encontros e aproximações com os perfilados expe-

rienciados entre 2018 e 2019. Por isso, em muitos momentos as minhas memórias sobre Cachoeira do Brumado se encontram com as memórias sobre e dos artesãos, que se (con)fundem em uma só. Afinal, escutar e narrar essas histórias significou também me afetar.

Este livro também diz muito sobre mim e sobre Cachoeira do Brumado, a partir do momento em que, ao me abrir para a escuta dessas histórias, redescobri as diversas Cachoeiras que aqui existem e modifiquei os meus afetos com a comunidade e o ser cachoeirense. Mais do que ser apresentada aos personagens do meu livro, fui aos poucos, inspirada nas palavras de Eliane Brum, atravessando a complexa rua de mim mesma ao criar novas relações e restabelecer outras; ao me resignificar como cachoeirense (e pessoa) a cada conversa.

Da mesma forma que a pedra-sabão, o sisal e a madeira são moldados para dar vida a belos artesanatos, eu me deixei moldar pelas histórias e vivências com esses artesãos. Enquanto trabalhava neste livro, pude expressar o meu carinho e gratidão pelo distrito. É uma pequena dimensão das trocas de saberes e afetos que vivenciei durante os dois anos dedicados ao meu projeto, que não podem ser mensuradas e resumidas apenas ao que foi escrito; um detalhe das diversas experiências que tive, relatos que ouvi e laços que se estabeleceram. E, não menos importante, uma singela homenagem aos cachoeirenses que, por meio das suas mãos, delicadeza, paixão e trabalho, fizeram e fazem com que o nome do distrito seja reconhecido pelo seu artesanato.

CAPÍTULO 1

CASSIANA FERREIRA NUNES



Representação da tecelã pioneira Cassiana arrematando os tapetes de pita.
Crédito: Cristiano Casimiro dos Santos.

A MULHER QUE TECEU HISTÓRIA

*A primeira mestre de fazer os tapete de piteira
[se] chamava Dona Cassiana.
[Ela] foi a professora desse artesanato.*

Ana Mesquita Rego

Tecer. Verbo transitivo direto que quer dizer “entrelaçar regularmente os fios; fazer (teia ou tecido) com os fios”. Em Cachoeira do Brumado, esse verbo se torna feminino e vai além das definições do minidicionário *Aurélio*¹ para significar arte, beleza, cultura, tradição, mas, sobretudo, histórias. Histórias que são passadas de geração para geração no ato de tecer, que são construídas e narradas no cotidiano; histórias de vidas que se ergueram com o dinheiro dos tapetes de piteira e sisal. Dentre todas elas, tem uma que é apagada e quase nunca é contada nesse tecer das tramas... A história de Cassiana Ferreira Nunes.

Com suas mãos firmes e fortes, Cassiana teceu sua história e a de dezenas de mulheres ao desenvolver a técnica de tecer os tapetes de piteira, hoje feitos de sisal, em Cachoeira do Brumado. Desbravadora da arte da tecelagem, ela é ainda pouco lembrada. Por mais que os tapetes sejam reconhecidos na região e comercializados em diversas cidades brasileiras, o seu ato pioneiro é esquecido. Não falam sobre Cassiana, como também são poucos os que sabem sobre ela.

Desde o seu nascimento, se passaram quase 140 anos. Quase cem anos separam o seu pioneirismo do meu. É que, se ela foi a precursora que teceu os primeiros tapetes de piteira, eu sou pioneira no tecer (de parte) das suas tramas. Mas não pense que foi uma tarefa fácil. Foi preciso um

¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. *Miniaurélio Século XXI Escolar*: O minidicionário da língua portuguesa/Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos... [et al.]. 4.ed. ver. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

período de exatos 81 dias somente de escrita. Nesse tempo, uma artesã, sozinha, teria feito cerca de 40 tiras².

Porque falar sobre Cassiana é uma tarefa complicada; é mais difícil até do que tecer. Ao mesmo tempo em que ela representa muito para a comunidade cachoeirense, também representa (quase) nada. Mais do que esquecida nas memórias do seu povo, Cassiana ainda foi apagada nos papéis. E não é só pela falta de livros ou cartas sobre ela, mas porque ela está ausente em quase todos os registros civis e religiosos.

Se, há quase um século, Cassiana buscou na piteira a matéria-prima para os seus tapetes, eu busquei informações sobre ela em documentos e conversas para tecer este perfil. Assim como Cassiana, eu também sou tecelã, mas, hoje, troquei o sisal pelas palavras. Já não teço mais os tapetes, mas histórias.

Foi preciso percorrer muitos anos. Desde o fim do século XIX, quando veio ao mundo a filha de Raimunda da Paixão e Paulino Ferreira Nunes, até os dias atuais. Não se sabe a data exata, apenas que a tecelagem das tramas de Cassiana começou em 1883, no distrito de Cachoeira do Brumado, quando nasceu aquela que anos mais tarde seria “a primeira mestre de fazer os tapetes de piteira” e “a professora desse artesanato”, como contou Ana Mesquita Rego. Até 2018, ela era a pessoa mais idosa do distrito, quando faleceu aos 101 anos.

Desde o fim do século XX, esse artesanato encanta e embeleza diversos espaços. Da infância de Cassiana no distrito marianense até o seu feito, pouco se sabe. Se um dia frequentou a catequese ou se foi alfabetizada, ninguém tem certeza. O início de sua vida, como boa parte dela, é ainda um mistério.

Reservada, Cassiana gostava de vestir saias longas e blusas com mangas três quartos em cores escuras e fechadas, como se estivesse se protegendo de algo. Ela ainda tinha o hábito de utilizar véus e xales para

² Tira é o nome dado ao tapete de sisal que tem 100 cm de largura por 150 cm de altura. Segundo a artesã Efigênia da Conceição Ramos, mais conhecida como Dona Figinha, são necessários cerca de dois dias para tecer uma tira.

cobrir o rosto. O véu ainda hoje permanece sobre Cassiana, escondendo não só a sua face, mas também a sua história.

Religiosa, a tecelã era católica e, além de participar das missas, alimentava a sua fé rezando o ofício de Nossa Senhora da Conceição, todos os sábados, na Capela de Santo Antônio. Ali, além de zelar pelo espaço paroquial, organizava as festas do patrono e de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Por coincidência (ou não), a capelinha era uma das vistas do quintal da casa onde morava, uma das primeiras casas de Cachoeira do Brumado, localizada na rua próxima à entrada do distrito.

O seu corpo magro e alto não combinava nada com a personalidade forte e séria de Cassiana, que trazia as marcas de uma vida sofrida. Igual a muitas mulheres daquela época, provavelmente casou-se muito nova, quando se uniu em matrimônio com Crescêncio Martins da Silva e teve cinco filhos. Não se sabe ao certo quanto tempo eles passaram juntos, apenas que era ainda muito jovem quando ficou viúva. Foi por essa razão que se casou novamente, dessa vez com Marciano Cardoso de Lima, com quem teve mais quatro filhos.

Foi por causa de um de seus filhos, Geraldo Martins da Silva, que o primeiro tapete surgiu. Mas, naquela época, não era ainda chamado de tapete, muito menos tinha como função ser um objeto de decoração. Os tapetes que hoje levam cores a vários locais surgiram para mergulhar nas águas dos rios e lavar o ouro de nossas Minas Gerais. Os tapetes que hoje são sinônimos de beleza e tradição cachoeirense só se tornaram famosos porque percorriam as terras mineiras nos lombos dos animais de nossos tropeiros.

Cassiana estava em casa, provavelmente cuidando das atividades domésticas, quando seu filho Geraldo chegou angustiado porque o material que utilizava para extrair ouro, um saco de linhagem que vinha com bacalhau, havia apodrecido. Por isso, pediu a ajuda da mãe. Solícita ao pedido do filho e depois de muito observar aquele material desmanchando, Cassiana teve a ideia de utilizar a piteira para fazer um tapete para ser usado por ele para lavar ouro.

Como já conhecia a fibra e tinha noções sobre amarrações, já que utilizava a piteira para amarrar e arrematar as peneiras de taquara que produzia, além de fazer esteiras de taboa e com o talo da folha de banana, Cassiana não teve muitas dificuldades para tecer o tapete. Para isso, contou com a ajuda de seu outro herdeiro, José Martins da Silva, que foi quem construiu o primeiro tear para a artesã. Com a fibra em mãos e o tear pronto, Cassiana desenvolveu a sua própria técnica de tecer.

“Ela já tinha um conhecimento dessas tramas, dessas amarrações e da fibra. Acho que é por isso que teve facilidade pra usar essa fibra e pra poder tentar fazer o tapete da maneira dela. E conseguiu fazer! Depois que ela fez esse tapete pro meu tio tirar ouro, ela fez um baixeiro [uma espécie de manta utilizada sob os arreios], que foi pra colocar no lombo do animal do meu pai”, recorda Terezinha Martins da Silva, neta da tecelã.

Não foi só o conhecimento que já tinha da piteira que teria influenciado Cassiana a escolher a fibra como matéria-prima para tecer, como também a grande disponibilidade do material, que é típico na região e que também estava presente no quintal de sua casa. Era em seu próprio quintal onde tudo acontecia: parte da piteira utilizada era colhida, lavada e preparada para tecer. Foi ali que Cassiana se consagrou pioneira desse artesanato. Em sua casinha simples, pequena e velha foi tecido seu primeiro tapete para que hoje pudéssemos tecer outros de diversos tamanhos e cores.

Não se sabe ao certo o ano nem a idade da tecelã quando iniciou a produção dos tapetes, mas acredita-se que ela tivesse entre 35 e 40 anos. Do início até hoje, milhares de tapetes já foram feitos por centenas de pessoas. Antes mesmo de desenvolver a técnica de tecer, Cassiana já demonstrava talento e aptidão para as atividades artesanais. Além de fazer as peneiras e esteiras de taboa, a artesã fazia cestos de palha, pequenas costuras e fiava linhas de algodão. “A trama já era conhecida. Ela gostava de mexer com a arte. Ela já gostava das tramas!”, enfatiza Terezinha, ao comentar que a avó gostava de fazer essas atividades em seu tempo livre. Ou seja, uma válvula de escape em meio às tarefas domésticas.

Se foi para lavar o ouro que o tapete surgiu, foi como baixeiro no lombo dos burros dos tropeiros, os primeiros a usarem as peças, que o

sucesso foi alcançado. Isso, de certa forma, é irônico: Cassiana teceu os primeiros tapetes e mesmo assim foi esquecida, entretanto, o seu reconhecimento, na época, foi por causa dos homens. “Depois, todo tropeiro que viajava começou a encomendar e ela teve que colocar todo mundo [para] fazer, as filhas também ajudavam. E eles [tropeiros] levavam pra vender nas viagens junto com as panelas”, conta Terezinha.

Os baixeiros de Cassiana logo conquistaram não só os tropeiros, mas as pessoas do distrito, que ficaram curiosas e se interessaram em aprender o artesanato. Além de suas filhas, as primeiras pessoas que a tecelã ensinou a fazer tapetes foram alguns dos seus sobrinhos. Só depois essa arte foi transmitida para pessoas fora da sua família, alcançando várias delas em Cachoeira do Brumado e, no decorrer dos anos, de outras comunidades vizinhas.

A partir dos baixeiros, os tapetes começaram a ser feitos. Primeiro, eram menores, para serem colocados nas portas das casas; depois, quando o artesanato já tinha uma certa popularidade, tamanhos maiores eram feitos de acordo com os pedidos que recebiam. As cores também já estavam presentes nos tapetes, mas não da mesma forma como temos hoje. Naquela época, eram simples, em sua maioria brancos e de cor próxima ao marrom, que eram as tonalidades próprias da piteira, variando de acordo com o amadurecimento da fibra. Aos poucos, foram ganhando novas cores a partir do açafrão e do urucum e alguns modelos passaram a incorporar listras, barras e losangos.

Com o interesse de outras pessoas em aprender o ofício e a transmissão da arte da tecelagem, tornou-se comum observar mulheres em busca da piteira na região, inclusive em outras comunidades e cidades, ou colocando a fibra de molho e lavando-a no rio. Essas passaram a ser cenas do cotidiano cachoeirense. Mas, por trás de toda a beleza dos tapetes, as tecelãs enfrentavam algumas dificuldades. Havia, por exemplo, o risco de perder a piteira que estava de molho no rio, porque ela poderia ir embora nas correntezas e inundações, principalmente nos períodos chuvosos.

Não foram somente os formatos, cores, tamanhos e modelos que mudaram desde que Cassiana teceu o primeiro tapete para extrair ouro, mas

a própria matéria-prima. Hoje, no lugar da piteira, os tapetes são feitos com o sisal importado da Bahia. Cassiana nunca soube disso. Por isso, a fibra já não é mais cobiçada como antigamente nem é mais vista com tanta frequência pelas ruas cachoeirenses ou nos quintais das casas. Pelo contrário: quase ninguém nota ou utiliza a fibra dos pés de piteira que ainda restam; talvez haja até quem veja a planta, mas não saiba o que é.

A troca da matéria-prima dos tapetes ocorreu há aproximadamente trinta anos. À época, a Prefeitura Municipal de Mariana proibiu as artesãs de lavar a piteira no rio porque a espuma gerada ao lavar a corda causava poluição. Ainda, com o aumento populacional do distrito, os esgotos das casas estavam sendo jogados no rio, causando diversos problemas de saúde a essas mulheres.

O sisal e a piteira são fibras parecidas porque são plantas pertencentes à mesma família. No entanto, para as tecelãs, os dois materiais são bem diferentes: “[a piteira] era muito mais gostosa para tecer do que o sisal. Lógico [que tem diferença]! Macia, não machucava a mão, só se deixasse algum espinho, né? Mas, se lavasse bem lavadinho, tirasse os espinhos, a corda [era] macia, o tapete ficava leve... Uma delícia! O sisal fica pesado, corta muito, machuca demais!”, conta Cleusa Ulhôa, artesã há mais de 40 anos.

Com essa mudança, o processo de produção dos tapetes também mudou. Agora, não é preciso mais bater a piteira, lavá-la por diversas vezes, deixar de molho no rio e tingir, se quisesse, antes de “linhar” os tapetes. Hoje, basta lavar o sisal, colocar para secar e tingir, em alguns casos, antes de os tapetes serem alinhados e tecidos. De Cassiana até o presente, o tempo do tecer também mudou. Hoje, por termos acesso à energia elétrica, é possível tecer até durante a noite. Já não é mais uma prática exclusivamente diurna.

Cerca de cem anos depois do pioneirismo de Cassiana, os tapetes, atualmente, já não são tão valorizados no mercado como há alguns anos. Assim como a memória de sua precursora, que foi esquecida, aos poucos os tapetes também estão sendo deixados de lado. Já não há tantas pessoas tecendo no distrito como antigamente, seja pelo encarecimento do sisal

ou pela busca de novas oportunidades. Mas, mesmo assim, é possível observar em algumas das ruas do distrito que o nosso artesanato ainda vive e resiste: seja no sisal secando nos muros de algumas casas, no batuque dos teares que se chocam contra as paredes, nas conversas das mulheres ou nas peças expostas para vendas, os tapetes se fazem presentes (e a memória de Cassiana, apesar de muitos não saberem, também).

Mais do que pioneira na tecelagem das tramas, Cassiana foi uma figura importante para o empoderamento feminino cachoeirense. Porém, ela provavelmente nunca soube disso nem teve toda a dimensão do que o seu ato de tecer significou. Em uma época em que a vida era ainda mais severa e cruel para as mulheres, principalmente em comunidades rurais e interioranas, como Cachoeira do Brumado, Cassiana foi além.

No dia em que fez uma espécie de manta para lavrar ouro ela abriu uma porta, por menor que fosse, para o início de uma certa independência financeira para as mulheres cachoeirenses. Foi porque ela teceu e passou o seu conhecimento adiante que muitas famílias foram providas e puderam ter condições melhores de vida.

Sem ter ouvido falar sobre feminismo, empoderamento e resistência feminina, ou sequer ter conhecido mulheres que ocupassem outros papéis na sociedade que não fossem o de dona de casa ou o do trabalho no campo, Cassiana mostrou que poderia ser mais do que uma mulher ocupada pelos afazeres domésticos. Foi uma mulher à frente de seu tempo, ao ser a precursora na arte de fazer os tapetes de piteira. É por essa razão que tecer significou (e significa) resistir.

É uma resistência ao sistema patriarcal que age sobre todas nós, mulheres, especialmente em pequenas comunidades rurais. É resistir às dores físicas e às feridas que o sisal pode causar ao cortar as mãos. É resistir à visão machista que muitos homens tinham (e talvez ainda tenham) sobre o tecer e sobre o fato de as mulheres terem seu próprio dinheiro. Por isso, ao tecer, ela também empoderou a si e, indiretamente, a outras mulheres. “Naquela época, o tapete estava em alta ainda. Era uma época divertida e gostosa. Ninguém ficava sem dinheiro. As mulheres tinham mais dinheiro que os homens! [...] Naquela época se vendia tapete!”, diz nostálgica a

artesã Cleusa, ao recordar, especialmente, um tempo no início dos anos 2000, em que se tinha muita procura pelos tapetes na comunidade.

Cassiana teceu história. Mais do que isso, teceu arte, cultura e tradição. Mas todos os seus feitos e grandiosidades não foram suficientes para que fosse lembrada em seu próprio distrito. Em uma dessas tristes coincidências que acontecem, ao longo dos anos, Cassiana esqueceu-se do que fez em seus últimos anos de vida até o dia em que faleceu no distrito, em 11 de dezembro de 1959, aos 76 anos. Suspeita-se de que ela tenha sofrido de Mal de Alzheimer e, por isso, aos poucos foi perdendo todas as recordações. Como em uma peça trágica, o seu próprio esquecimento se refletiu na comunidade onde vivia. Cassiana não só se esqueceu, mas também foi esquecida por (quase) toda Cachoeira do Brumado.

Apesar disso, sua memória persiste em pequenos detalhes que, por vezes, passam despercebidos. Sobrevive nas lembranças da sua família e pelas mãos de cada mulher que busca nos tapetes um modo de sobreviver; renasce em cada novo tapete de sisal que é feito. E, agora, resiste por meio de cada palavra que escrevi. O tecer, assim como o escrever, é (r)existir.

Imagem 1 – Representação de Cassiana feita a partir
da narração de suas características



Crédito: Cristiano Casimiro dos Santos.

A menina que teceu palavras

A minha mãe vive dizendo que eu nasci praticamente no meio dos tapetes. Isso porque, até uma semana antes de dar à luz, ela ainda estava tecendo e voltou à atividade poucos meses depois. Brincadeiras à parte, o tecer dos tapetes de sisal sempre foi muito presente em minha vida, especialmente na infância.

Não me lembro como nem quem me ensinou a tecer (apesar de minha mãe garantir que foi ela), mas sei que era bem nova, talvez com cinco ou seis anos, quando aprendi a fazer as minhas primeiras “carreirinhas”, que são nada mais que linhas corridas nos tapetes. Como eu, várias pessoas aprenderam a arte de fazer os tapetes ainda durante a infância, por meio dos ensinamentos passados de geração para geração.

Os meus primeiros tapetinhos (por serem menores, geralmente, quando você está aprendendo, começa por eles) eram horrorosos: o tecido não era firme, o tapete ficava esfarrapado e o canto “entrava”, ou seja, ficava torto. Outras vezes, a minha imaginação fértil de criança cismava em inventar novos modelos e cores, que acabavam não dando certo, e era preciso cortar o tapete, ainda inacabado, e jogar fora.

No início dos anos 2000, os tapetes de sisal estavam em alta, eram populares, e as tecelãs recebiam muitas encomendas, principalmente de lojistas de todo o país. Como a procura era grande, elas trabalhavam dia e noite para conseguir entregar todas as peças no prazo. Era uma loucura: caminhões enormes vinham de várias cidades só para buscar tapetes de várias cores, tamanhos e modelos. Quando alguém não conseguia fazer todas as peças encomendadas, corria para comprar ou pegar emprestado com a conhecida mais próxima.

Entre essas mulheres estavam a minha avó paterna, a minha mãe e várias vizinhas. E, no meio das brincadeiras de casinha, boneca e pique, contra a minha vontade, alguém me chamava para tecer um losango. Se na infância dos meus avós e pais os castigos para as travessuras eram catar feijão ou debulhar milho, o meu era tecer. E como eu odiava aquilo... tentava fugir de todas as formas possíveis, mas quase nunca conseguia.

Também havia momentos em que fazia o movimento contrário e corria para o tear porque não queria ajudar o meu pai a “mexer” com as painéis. Não pense que era uma coisa perversa colocar uma criança para fazer tapetes, porque não era. Na verdade, era algo comum que fez parte da infância de muita gente de Cachoeira do Brumado.

Hoje, enquanto escrevo, penso em como isso tudo chega a ser irônico. Eu, Thalia, que vivia dizendo que não gostava de tecer e que tentava fugir quando minha mãe me chamava para ajudá-la, escolhi narrar a história da mulher que iniciou o artesanato no distrito, resignificando as minhas próprias percepções sobre o tecer.

Apesar de a minha relação com os tapetes no passado ter sido um pouco complicada em diversos momentos, já naquela época percebia que havia algo além do próprio ato de tecer. Não era apenas sobre trabalho e renda, mas também sobre fazer parte de algo. Quando tecia, seja com minha mãe ou minha avó, tinha um encanto, porque me despertava a sensação de que, mesmo sendo criança, eu fazia parte de algo grande e importante. Era no momento de tecer que muitos casos e *causos* eram contados, que laços de amizade iam se estabelecendo e vivências eram trocadas, porque era possível perceber a paixão que havia e ainda há no ato de tecer os tapetes (e as tramas daquelas mulheres). Foi porque eu aprendi a fazer os tapetes de sisal e partilhava aquele momento com as mulheres com quem convivia que várias histórias surgiram.

Um exemplo disso foi quando a equipe da Rede Globo Minas esteve na casa da minha avó paterna, Maria do Carmo Pereira Gonçalves, para gravar uma matéria sobre os tapetes de sisal para o programa *Terra de Minas*. Lembro-me de que, para participar da gravação e ter os meus três minutinhos de fama, saí da escola mais cedo. Ou quando, nesse mesmo dia, a minha prima Ana Alice Gonçalves, na época com quatro anos, foi passar batom para aparecer na reportagem e, quando voltou, a filmagem já tinha acabado. Era (e é) isso que o tecer também significa: pertencer a um grupo.

Com o passar dos anos, os tapetes já não eram procurados com a mesma frequência nem em grandes quantidades pelos lojistas. Além dis-

so, a matéria-prima encareceu e a Prefeitura Municipal cortou o auxílio repassado à Associação dos Artesãos e Produtores Caseiros de Cachoeira do Brumado para o transporte do sisal da Bahia. Esses fatores, somados a outras questões, como a desvalorização no mercado e a busca por novas oportunidades de trabalho e/ou estudo, além da falta de interesse dos jovens em aprender o ofício, fizeram com que o número de tecelãs diminuísse. Na minha família, por exemplo, ninguém mais tece, mesmo depois de tantos anos fazendo esse artesanato.

Ao pensar sobre isso, algumas questões afloraram em mim: será que, no futuro, ainda haverá pessoas tecendo tapetes em Cachoeira do Brumado? Como contarei as histórias que eram compartilhadas durante o tecer e o que os tapetes representavam na comunidade? Assim, vi neste livro um meio de falar sobre os tapetes, mas também uma forma de não deixar esquecidas nem a memória desse bem cultural nem a de Cassiana, precursora nessa arte que é pouco lembrada na comunidade — tanto que só fui conhecer a sua história e como iniciou a produção dos tapetes no distrito durante o processo de produção desta obra.

Apesar de saber tecer e de ter feito tapetes durante uma curta parte da minha vida, não tinha pensado ainda que, se os tapetes existem hoje, foi porque alguém desenvolveu a técnica primeiro. Claro que já tinha ouvido histórias de como era o processo de lavar a piteira no rio e fazer os tapetes no passado, mas não de como tudo começou, nem que as primeiras peças eram conhecidas como baixeiros e usadas sob os arreios dos animais dos tropeiros. Por isso, Cassiana e a sua história se revelaram uma grande surpresa.

Escrever o perfil de Cassiana representa uma forma de lembrá-la e de reconhecer seu valor e seu pioneirismo, bem como um meio de possibilitar que outras pessoas, assim como eu, saibam sobre ela e seu legado deixado no distrito. É impressionante pensar que, cerca de cem anos após criar as primeiras peças, os tapetes, mesmo diante do cenário crítico e desvalorizado, continuam fazendo parte do cotidiano cachoeirense e levando o nome da comunidade para outras regiões, encantando as pessoas e levando cores e tradição para diversos lugares.

Assim como o sisal é matéria-prima essencial para fazer um tapete, para escrever um perfil são necessários dados. No entanto, obter essas informações foi uma tarefa difícil, um verdadeiro desafio, uma vez que, além de não ter quase nenhum documento oficial sobre ela, como certidões de nascimento e casamento, fotografias, cartas e até mesmo tapetes tecidos por ela, são poucas as pessoas que se recordam da tecelã ou que sabem algo além do seu pioneirismo na produção dos tapetes de piteira na comunidade. O pouco que sei foi narrado por outras pessoas, em especial por sua neta Terezinha, que prontamente abriu as portas da sua casa para me contar sobre as lembranças de sua avó e os *causos* que lhe foram contados por outros familiares e amigos.

Além de Terezinha, duas tecelãs foram especialmente importantes para o processo de construção do perfil de Cassiana. Efigênia da Conceição Ramos, mais conhecida como Dona Figininha, e Cleusa Ulhôa compartilharam comigo todos os seus conhecimentos sobre a arte de fazer tapetes de sisal. Figininha ainda me contou o pouco que lembra sobre Cassiana, já que foram vizinhas por algum tempo.

Como há poucas pessoas que se lembram dela, para ajudar na escrita desse perfil, foi preciso, também, realizar apurações documentais, como nos arquivos da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, no Arquivo Eclesiástico Dom Oscar de Oliveira da Arquidiocese de Mariana, no Cartório de Notas e Registro de Cachoeira do Brumado e no Cartório de Registro Civil de Mariana. Contudo, não foi algo simples, já que, na maioria dos casos, tive de lidar com documentos velhos, rasgados, alguns até rasurados ou com letras ilegíveis. Seu registro de óbito, inclusive, estava rasurado e com uma nota indicando que a data havia sido registrada errada. Em seguida, escreveram a data considerada correta. Tentei também localizar seu túmulo no cemitério local, mas não há registro, nem a família sabe onde ela foi sepultada.

Assim, Cassiana, por vezes, é ainda um mistério para mim. Nunca saberei o que realmente a levou a continuar produzindo tapetes durante a vida, se teve alguma dificuldade no início da prática, se havia algum ritual ou crença antes de começar uma nova peça. Não saberei o que ela

acharia das mudanças sofridas no decorrer dos anos, se um dia imaginou que seus tapetes fossem se expandir pela região e que a piteira lavada no rio seria substituída pelo sisal importado da Bahia. Por isso, nem tudo o que foi narrado sobre Cassiana seria o que ela gostaria de dizer sobre si e o seu feito, mas foram dados obtidos a partir da forma como as pessoas com quem conversei querem que a história dela seja contada; como elas e eu desejamos que Cassiana seja lembrada daqui para frente.

Apesar disso, houve um fato curioso durante a apuração para o perfil dela. Em um almoço de domingo na casa de um amigo da minha família, acabei me lembrando de uma vizinha que é também neta de Cassiana e aproveitei a situação para ter uma conversa informal sobre ela e o meu livro. De repente, um de seus filhos, bisneto da tecelã, me perguntou: “Por quê? Você conheceu ela?”. Não sei ao certo se a pergunta foi em tom de brincadeira ou não, mas, naquele instante, percebi que Cassiana e eu estávamos, de certa forma, próximas. Uma relação quase íntima, não só pelo fato de eu saber tecer os tapetes que ela começou, mas por ter conseguido narrar sua história, mesmo com todas as dificuldades e as informações que eu sentia que me faltavam.

O mais interessante em tudo isso é que essa minha relação de proximidade com Cassiana foi construída devagar e acompanhando o processo de produção e escrita do seu perfil. Um exemplo disso é que, durante todo o ano de 2018 e até fevereiro de 2019, eu só me referia a ela como “Dona Cassiana”. Por mais que fosse uma demonstração de respeito, sinto que, ao utilizar o pronome de tratamento “Dona”, me distanciava dela e da sua história. Mas, naturalmente, enquanto escrevia sobre ela, a necessidade de usar o “Dona” sumiu. Do meu jeito e da forma como foi possível, consegui construir uma relação amigável entre repórter e personagem mesmo com os 114 anos que separam o nosso nascimento e as nossas histórias: enquanto Cassiana foi a primeira tecelã de um dos mais belos artesanatos de Cachoeira do Brumado, eu, nesse jogo de tramas, vou aprendendo a tecer palavras.

Por fim, termino este texto com um pedido de desculpas à Cassiana e a tantas outras artesãs de Cachoeira do Brumado. Um pedido de desculpas

porque eu, enquanto mulher, percebi tardiamente que deveria ter feito mais do que apenas contar sua história — por mais que eu saiba que fiz o que estava ao meu alcance naquela época, nas condições e prazos que tinha. Hoje olho para o caminho percorrido até aqui e acredito que eu deveria ter me esforçado mais para ouvir e narrar também as histórias de outras artesãs cachoeirenses, que, assim como Cassiana, tiveram e têm as suas vidas e existências atravessadas pelo nosso artesanato, especialmente pelos tapetes. Peço desculpas por ter reservado um maior espaço aos artesãos quando eles e seus trabalhos são mais reconhecidos e valorizados do que a tecelã pioneira e sua arte. Peço desculpas por involuntariamente e inconscientemente ter contribuído, infelizmente, para o seu silenciamento e de tantas outras mulheres e artesãs.

CAPÍTULO 2

ARTUR PEREIRA



Foto de Artur Pereira com algumas das suas peças.
Crédito: Arquivo pessoal de José dos Reis Pereira.

O ARTISTA COM ALMA DE BICHO

“Eu faço escultura porque gosto de fazer, sinto satisfeito quando tô fazendo. Quando vem na imaginação e que eu pego pra fazer e que eu faço e que acerto, aí eu fico satisfeito porque acertei, né. E nunca que eu perdi uma peça. Todas que peguei pra fazer dei conta. Já fiz milhares de peças, nunca perdi uma. Não posso trazer na ideia quantas que eu fiz. Muitas”.

Artur Pereira

“É bicho, uai!”. Era assim que Artur Pereira se referia aos animais que esculpia. “É bicho!” também é uma expressão popular usada para se referir a algo incrível e que merece ser admirado. Artur Pereira, com certeza, foi (e é) o bicho. Dono de uma inteligência inquestionável, viveu uma vida simples e rural, mas com muita beleza; beleza que atravessou fronteiras por meio da sua arte. “Não sei que destino tem essas peça que eu faço. Eu vendo pra todo mundo que vem aqui. Alguns compram pra eles, outros compram pra vender. Então elas andam, né”³, contou ao artista plástico José Alberto Nemer, incentivador e divulgador do seu trabalho.

E olha que sô Artur não ambicionava (nem esperava) ganhar o mundo. O artista, que dizia que não sairia do mato, conquistou muitos admiradores com suas obras. Ele, que vivia e se sentia verdadeiramente como parte da fauna e da flora, tornou-se também parte do Brasil e do mundo por meio das suas criações. O seu nome e a sua arte ultrapassaram os limites do nosso pequeno distrito para serem expostos em cidades como Belo Horizonte, Poços de Caldas, Rio de Janeiro, São Paulo, Paris e Nova Iorque; suas obras foram adquiridas por pessoas da Argentina, da Alemanha e dos Estados Unidos que, ao comprarem as suas esculturas, levaram, indiretamente, um pedacinho de Cachoeira do Brumado.

³ Nessa e em outras transcrições de falas do escultor, quando não especificada a origem, foram ditas ao artista José Alberto Nemer e estão publicadas no catálogo *Artur Pereira: esculturas*, organizado por Rodrigo Naves, para a exposição do artista, realizada pelo Instituto Moreira Salles, em 2009.

Apesar de toda a notoriedade, o escultor nunca conheceu a maioria das cidades a que seu trabalho chegou. Isso porque, antes de ser um artista popular renomado, era um pai atencioso. “Ele tinha muita preocupação com o filho [Geraldo], que tem problemas de saúde. Então, ele praticamente não saía de casa por causa disso. Ele era uma figura muito simpática, muito doce, mas que não considerava fazer nenhum tipo de viagem. As viagens dele eram outras, [eram] pela obra”, afirma Antônio Carlos Figueiredo, um dos curadores da exposição *Fauna e Fé*. A mostra foi a mais recente sobre o trabalho de Artur Pereira, realizada na capital mineira entre dezembro de 2018 e março de 2019 pelo Centro de Arte Popular da Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig).

Se as viagens de Artur Pereira eram por meio das suas esculturas, expostas em vários países e Brasil afora, foi em Cachoeira do Brumado que o artista nasceu, viveu e morreu. Ele morou na mesma casinha simples, localizada na antiga Rua das Flores, que hoje leva seu nome, até seu último dia de vida. E foi no distrito que sua arte se consolidou, cresceu e deixou frutos.

Sua história começou no distrito marianense em 11 de fevereiro de 1920, quando nascia o “filho do meio” dos sete de Maria Antônia dos Santos e Martim Pereira. Assim como muitas pessoas das pequenas comunidades rurais e interioranas do Brasil, a data correta do nascimento de Artur Pereira é um mistério. Apesar de ter declarado o dia 11 como o do seu aniversário, de acordo com documentos do Cartório de Notas e Registro local, o dia certo seria 12, o que me leva a crer que ele, possivelmente, foi registrado com a data de nascimento errada, algo bem comum naquela época.

Provavelmente, foi entre as brincadeiras de criança e os banhos em nossa cachoeira, durante a infância, que Artur Pereira entendeu que a vida muitas vezes é árdua. “Meu prazo de estudar foi muito pouco, mal mal tirei o segundo ano de escola primária, aqui em Cachoeira. No caso de escola foi pouco. Naquele tempo não usava aperto de coisa nenhuma. Se quisesse ir na escola tava bom, se não fosse, pra eles era a mesma coisa, né. Não é como hoje que todo mundo tem [que ir] obrigado. Parei

porque viajava [vendendo panelas] com o meu pai, pobre, precisava do meu serviço. Depois, nunca mais, não ligava pra nada de estudo. Escrever e ler, pouquinho, mas sei. O que aprendi sei até hoje, mas não sou desembaraçado, posso ler mas tem que demorar um pouco. E fez falta. Fez e faz. Eu aprendi a se virar à minha custa, porque meu pai morreu e deixou eu bem novo, na base duns quinze pra dezoito anos, por aí. Trabalhando e pelejando e lutando com dificuldade, né”, contou, ainda na década de 1970.

Mesmo não tendo estudado, não há quem discorde sobre a inteligência, a imaginação e a capacidade de criar de sô Artur. Ele, que não frequentou faculdades, nem mesmo os melhores cursos de arte, desenvolveu sozinho sua própria técnica, com base na forma de ver e representar o mundo. A sua escola foi a vida. Por isso, de forma singela e singular, consagrou-se como um artista autodidata.

“Ele é um artista de tal criatividade e de tal dedicação que as peças dele, como ele dizia, não remendava. A peça é um monobloco. Ele esculpia e ponto final! Ou seja, um trabalho muito difícil quanto à técnica. A própria força do desenho dele, do pensamento dele, de buscar cenas, ao mesmo tempo, curiosas e fundamentais para o interior de Minas. Ele situa muito isso, fala muito disso: da sua própria região, que é Cachoeira do Brumado. Então, ele via os bichos no mato e inventava um pouco, né? Ele mudava um pouco as caras dos bichos. Ele não procurava muito detalhe do bicho que ele tinha visto não. Ele dava vazão à criatividade dele. Ou seja, não tem nenhum academicismo”, explica Antônio Carlos sobre os aspectos que, em sua opinião, tornam a obra do escultor única.

Além da originalidade, sô Artur era muito intuitivo e trazia simplicidade ao esculpir suas peças. Antes de entalhar a madeira, talvez de forma mística, em um momento entre criação e criador, o escultor conversava com a madeira para saber o que ela desejava ser. “Ele próprio dizia que, quando ele tinha o tronco de madeira, ele via o animal no tronco; e, às vezes, ele via o presépio. Então, segundo ele, não era ele que fazia; ele tirava os excessos”, revela o curador, que é também um grande admirador

do trabalho de Artur Pereira e tem, em sua coleção particular, cerca de 50 esculturas do artista, entre peças pequenas e grandes.

Há quem diga que a vida copia a arte, outros dizem que é a arte que copia a vida. Quem está certo nessa história, eu não sei, mas o que tenho certeza é que Artur Pereira colocou muito de si e das coisas que conhecia em suas esculturas. Os animais, ou melhor, os bichos que ele via nas matas cachoeirenses e nas redondezas, além da arquitetura barroca das igrejas mineiras, especialmente a da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Cachoeira do Brumado, onde ajudou a consertar e restaurar algumas imagens sacras, são as principais influências e características mais marcantes de sua obra.

Não pense que sô Artur simplesmente reproduzia as coisas que via: seus bichos eram únicos e representados da forma como eles existiam e eram contemplados pelo artista. Por isso, Artur Pereira deixava sua criatividade fluir ao inventar e modificar as feições de alguns animais. E quando era questionado sobre o que ele havia esculpido, a sua resposta era simples, mas curiosa: “é bicho, uai!”. “Ele não dava título [às peças] exatamente porque era um bicho do imaginário dele”, aponta Antônio Carlos.

A admiração que sô Artur sentia pelos animais era única e bonita, perceptível no singelo ato de fazer a “pinta nos zóios” de cada um deles. Talvez essa fosse uma forma de o artista demonstrar que homem e bicho, para ele, eram um só. Não havia hierarquia entre ser superior ou inferior. Porém, ao mesmo tempo, o escultor tinha uma preferência pelos animais que, em muitas das suas obras, recebiam um destaque maior que os humanos, até mesmo em alguns dos seus presépios.

“Seu Artur não gosta muito de usar a figura humana. Ele me disse que ninguém liga, né? [...] As peças com figuras [humanas] são muito raras, e quando a figura aparece é um acessório como na caçada que se tem o caçador, né? O caçador ali é apenas pra indicar a ação”, explicou Cesar Aché, em 1989, em entrevista ao programa *Arte é investimento*⁴, da

⁴ ARTE É INVESTIMENTO. *Obras do escultor Artur Pereira*. 1989 (5m06s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hU0CpYDZhVk>>. Acesso em: 12. mai. 2019.

antiga TV Corcovado. Na ocasião, ele fora o curador de uma exposição individual do escultor cachoeirense, realizada na cidade do Rio de Janeiro.

Porém, entre todos os bichos, tinha um que mais lhe encantava: a onça. Tanto, que era uma figura recorrente e marcante em seu trabalho. O encantamento pelo animal começou após uma situação de perigo. Sô Artur estava trabalhando como lenhador em uma mata quando uma onça se debruçou sobre o telhado do rancho em que ficava.

Como a cobertura era improvisada e não estava em boas condições, o telhado desmoronou, fazendo com que o animal caísse em cima da cama onde sô Artur estava dormindo. “Ela só não [o] comeu, só não atacou ele, porque ela já tinha comido, acho que dois animais da tropa dele. Então, foi esse o primeiro contato físico, frente [a frente], com uma onça pintada no mato”, revela Fernando Pereira de Freitas, neto do artista, sobre o porquê do fascínio de seu avô pelo bicho.

Se foi quando criança que a vida de sô Artur foi atravessada pela primeira vez por sofrimentos e dificuldades, foi também na infância que o escultor descobriu que, mesmo com toda a dureza, a vida pode ser um pouco mais leve com a arte. Talvez tenha sido nos intervalos do trabalho na roça com o pai que descobriu a sua aptidão para o artesanato, ao modelar as suas primeiras figuras de barro. O talento infantil, que por muitos anos ficou adormecido, foi o mesmo que o legitimou anos depois como pioneiro e mestre das esculturas de madeira em Cachoeira do Brumado, assim como um dos mais importantes artistas populares brasileiros nesse segmento.

No entanto, o caminho percorrido por sô Artur até se destacar como escultor foi longo. Trabalhou por muitos anos no campo, plantando roças de milho, arroz e feijão, além de ter sido pedreiro, lenhador, carvoeiro, carpinteiro e emboçador de telhado. Justamente por ter sido lenhador e convivido com a mata e os bichos durante esse tempo, foi que fez sua primeira peça em madeira.

Da mesma forma que um bicho segue o seu instinto animal para sobreviver, Artur Pereira começou a esculpir e criar a sua arte. Ele ainda era um jovem rapaz, com a idade entre 20 e 30 anos, quando trabalhava

cortando lenha na mata. Por essa razão, vivia sozinho em um rancho, tendo apenas a companhia de uma gata. Entre uma atividade e outra como lenhador, aproveitava as suas folgas aos domingos para fazer painéis e gamelas de madeira, já que havia muitas árvores de cedro no local. Até que um dia resolveu se arriscar ao “fazer um desenho” da gata que morava com ele. “A hora que eu duvidava, chamava ela, ela olhava para mim e eu ia cortando. E assim consegui. Fiz e deu certo!”, contou a Nemer.

Foi na década de 1960 que sô Artur fez a sua primeira peça, entretanto, não foi de forma imediata que passou a se dedicar exclusivamente a esculpir. Por precisar “ganhar o pão”, dividia-se entre o trabalho braçal e a arte, quando fazia pequenos animais, especialmente pássaros, gatos e tatus, que eram vendidos em pequenas lojas de artesanato das cidades mineiras de Mariana e Ouro Preto. Foi, inclusive, em uma dessas lojas de Ouro Preto que Nemer conheceu o trabalho do escultor e passou a incentivá-lo. “Meu pai só foi descoberto, assim, só foi julgado e tudo, depois que [José] Alberto Nemer [se] interessou na vida dele. Através dele que começou! Ele e Conceição Filó foram as pessoas que deram ‘a força’ pra ele, [que] começaram a apresentar o trabalho dele”, lembra José dos Reis Pereira, filho do escultor.

Embora desde 1968 já esculpisse obras maiores, com várias peças em conjunto, o escultor começou a ganhar visibilidade apenas em 1971, quando participou da primeira edição do concurso de presépios promovido pela Fundação de Arte de Ouro Preto (Faop). Incentivado por Nemer, o artista se inscreveu no concurso e foi o ganhador do primeiro prêmio. “Antigamente eu fazia os bichos sozinho, só um bicho só. Agora eu trabalho é conjunto. O primeiro que eu fiz foi a caçada, depois um presépio pequenininho; o segundo foi aquele que você [Nemer] me apresentou”, explicou Artur a Nemer, referindo-se ao presépio apresentado no concurso da Faop. Além dessa primeira edição, Artur Pereira participou outras vezes da premiação, vencendo cinco vezes.

Depois do concurso, aos poucos, o reconhecimento foi chegando, e a sua popularidade, crescendo. “Já tinha bem tempo que ele já trabalhava. É porque eles iam comprando as peças e ninguém divulgava com

medo [de] descobrir ele. No dia que fez a exposição e que estourou, aí todo mundo queria saber quem que era o meu pai, mas alguns já tinham peça dele há muitos anos. Mas é aquele negócio, todo mundo: ‘ah, não! Fala não, senão eles descobrem e ele num faz peça pra ninguém; todo mundo vai invadir!’. E [é] o que aconteceu! Estourou e depois, no fazer a exposição, todo mundo queria conhecer quem que era”, recorda José, filho de sô Artur, sobre a ocasião em que, descobri posteriormente, seria a primeira exposição de seu pai, realizada em 1977, na galeria de arte Nello Nuno, da Faop.

Esse foi o início de uma nova fase na vida de sô Artur. Dali em diante, já não seria apenas um artesão cachoeirense, mas um artista popular de renome que atrairia várias pessoas até o distrito marianense apenas para conhecê-lo. Sua atenção e suas obras passaram a ser disputadas por críticos de arte, *marchands*, ou seja, comerciantes de obras de arte, e turistas. A procura era tanta que algumas pessoas praticamente o obrigavam a vender peças inacabadas. Outras compravam a madeira e deixavam na porta da casa do artista. Tinha até gente que ia à casa do escultor e escrevia o seu nome na madeira, para que ele não vendesse a peça que faria para outra pessoa. Não importava o que seria feito com os troncos de cedro, queriam apenas garantir que teriam uma escultura do artista!

Em meio a toda a loucura e a demanda por produção, sô Artur nunca deixou o carinho e o zelo de lado na hora de esculpir. Pelo contrário: a cada nova peça que esculpia, buscava aperfeiçoar o seu trabalho. Tanto que o artista se orgulhava de nunca ter perdido uma escultura nem ter terminado uma peça de forma diferente da que imaginou. “Eu faço escultura porque gosto de fazer, sinto satisfeito quando tô fazendo. Quando vem na imaginação e que eu pego pra fazer e que eu faço e que acerto, aí eu fico satisfeito porque acertei, né. E nunca que eu perdi uma peça. Todas que peguei pra fazer dei conta. Já fiz milhares de peças, nunca perdi uma. Não posso trazer na ideia quantas que eu fiz. Muitas”, contou.

Foi por causa da grande procura por suas peças que sô Artur incentivou outras pessoas a seguirem os seus passos na arte de esculpir. E, com isso, mudou vidas como a de Adão de Lourdes Cassiano e Ovanir Geral-

do de Freitas, que era seu genro. “O meu pai foi o que iniciou a obra de artesanato [em madeira] é ele. O Adão já sabia [esculpir], mas mexia era com pedra. Então, foi o meu pai quem falou que precisava de uma pessoa a mais, porque naquele tempo era grande a procura, e é aí que entrou Adão, entrou Miramar, que o Airton também começou a mexer e por aí foi. [...] Eles não aprenderam com o meu pai; eles foram incentivados! Porque não tem como falar que fulano aprendeu, porque cada um tem um jeito de trabalhar, né?”, enfatiza José.

Mesmo tendo muitas pessoas interessadas em comprar as suas obras, Artur Pereira era modesto na hora de atribuir o valor a cada uma delas. Ele não esculpia simplesmente para ganhar dinheiro, mas porque tinha paixão por sua arte. Por isso, era a sua esposa, companheira em 53 anos de matrimônio e mãe dos seus cinco filhos, Juvenil dos Reis Ferreira Pereira, quem mais negociava o preço das esculturas. Afinal, era ela quem levava mais “jeito pra coisa”. Um exemplo disso é que, além das obras do marido, Dona Fiota, como era conhecida, também oferecia aos clientes as peças que o seu filho José e os seus netos faziam.

Se foi a sua experiência como lenhador que o motivou a criar a sua primeira peça, foi a prática de pedreiro que o influenciava na quantia que cobraria em cada escultura, que tinha o valor final de acordo com a quantidade de dias que ele havia se dedicado à peça. “Ele tinha um limite por dia, pra não dizer que tava explorando ninguém. Então, ele calculava: um pedreiro ganha tanto, porque ele era pedreiro antes. Então, ganhando nessa faixa etária [tava bom]. Ele sabia que ele podia ganhar dez, vinte vezes mais, mas só que ele nunca gostou de explorar ninguém! Trabalhava de acordo com o serviço dele e era de acordo com o que ele cobrava”, lembra José. Diferente do passado, quando Artur Pereira era modesto ao atribuir preço a suas obras, no presente, as suas esculturas são supervalorizadas, tendo, inclusive, obras avaliadas em 200 mil reais. “Quem tem, tem mesmo; não dispõe, não!”, ressalta o filho, que seguiu os passos do pai na arte de esculpir a madeira.

No entanto, para a família de sô Artur não importa o valor financeiro que as suas esculturas têm, mas, sim, o valor afetivo, pois dinheiro nenhum

paga a memória do pai, avô e amigo que ele foi. Por isso, mantém com muito carinho a última escultura do artista, uma coluna de onças que ele estava fazendo no dia em que morreu. Foi na tarde de sexta-feira, dia 6 de junho de 2003, quando o escultor se despediu de forma serena da sua família, amigos e admiradores. Foi sentado no sofá da sala, ao lado da sua esposa, que faleceu. Partia, assim, aos 83 anos, o pai, o avô, o amigo, o artesão, o mestre e o artista cachoeirense.

A sua despedida foi marcada pela emoção. Para dizer adeus ao escultor, muitos apreciadores da sua obra estiveram em Cachoeira do Brumado para se unir à família e amigos no velório e enterro de sô Artur. “Foi também um velório muito sentimental, muito simbólico, em que as crianças [da Escola Estadual Dona Reparata Dias de Oliveira] cantaram o hino nacional e puseram a bandeira do Brasil [em cima do seu caixão]. Se despediram com dignidade os alunos da escola Dona Reparata!”, recorda Fernando.

Mas a morte não significou o fim de Artur Pereira. Ele ainda vive através da sua arte e da sua família. Seja nas lembranças e falas diárias de Geraldo sobre o pai, seja no som da madeira sendo entalhada por José, sô Artur se faz presente. “É muito difícil de explicar porque, pra mim, ele continua vivo a mesma coisa, entendeu? [...] Com escultura ou sem escultura, o convívio nosso era muito chegado! Muito chegado mesmo um com o outro! [Muita saudade?] Cê tá é louca! E eu tenho o meu irmão que não me deixa esquecer. O meu irmão fala dele todo dia”, diz José, emocionado.

Para além dos laços sanguíneos, José é ligado ao pai pela arte, representando a continuidade do seu trabalho, e pelo amor ao seu irmão Geraldo, de quem ele cuida atualmente, da mesma forma que sô Artur fazia. A cada madeira que é por ele esculpida, a presença do seu pai se materializa. Mais do que uma peça de arte, quando José transforma o cedro em uma escultura, são memórias, afetos e saudades de sô Artur que ganham forma.

Por isso, após 29 anos trabalhando com o pai, quando ele faleceu, José deu continuidade ao seu legado: “[O que o senhor faz?] Os mesmos trabalhos dele! A continuação do trabalho dele! [...] A continuidade foi

assim que, nele falecer, ele deixou as encomendas. Eu, pra não deixar o nome dele, pra falar que ele tratou e tal, continuei fazendo os trabalhos como se fosse ele até completar a maioria das encomendas que tinha. E o pessoal, sabendo que era eu que tava fazendo, aceitou normalmente”, ele lembra.

Se ainda estivesse vivo, em 2020, Artur Pereira completaria cem anos de idade. Talvez, se ele ainda estivesse (fisicamente) entre nós, já não faria mais as suas esculturas, mas ainda estaria levando a vida de forma simples, mesmo diante do glamour adquirido por sua obra. Apesar da fama e do reconhecimento que ganhou ao longo dos anos, ele permaneceu sendo uma pessoa humilde e simpática.

Continuou sendo aquele ser acolhedor, que gostava de receber as pessoas em sua casa e servir quitandas, queijos e café; e que tinha com seus admiradores uma relação também amiga. Porque, para ele, o sucesso não importava nem interferia em quem ele era. “Ele se via como um homem comum, normal! Meu pai nunca se exibiu em nada! [...] O nome de artista, disso e daquilo é o povo, é a mídia. Mas ele mesmo, não! Ah, [era] o jeito dele, né? Foi até morrer... simples”, relata José.

Embora Artur Pereira não definisse precisamente os bichos que esculpia, se eu ousasse defini-lo em um bicho, seria um passarinho. Um passarinho que, mesmo pequeno e aparentemente frágil, alçou altos e belos voos, mas não quis migrar para outros lugares. Um passarinho que escolheu permanecer, encantar e fazer morada em nossa Cachoeira. A alma e o encanto dos bichos estavam na vida simples, na misteriosa sensibilidade de escutar a madeira, mas também nas asas livres que causam inveja a qualquer ser humano. Afinal, Artur Pereira era um artista com alma de bicho, ou seria um bicho com alma de artista?

Imagem 2 – Artur Pereira, Adão de Lourdes e Maria das
Mercês, esposa de Adão, em frente à casa do casal



Legenda: Adão e Artur Pereira buscavam madeira juntos e, para diferenciar quem era o dono da matéria-prima, o primeiro escrevia nos troncos a letra “A” e o segundo, a letra “P”.

Crédito: Arquivo pessoal de Adão de Lourdes Cassiano.

Imagem 3 – Artur Pereira e seu filho, José dos Reis Pereira, esculpindo ao lado de uma cliente e da esposa de Artur, Dona Fiota



Créditos: Arquivo pessoal de José dos Reis Pereira.

Imagem 4 – Obras de Artur Pereira na exposição Fauna e Fé, realizada pelo Centro de Arte Popular da Cemig, em Belo Horizonte (MG)



Crédito: Renan Quevedo.

A travessia da rua, o atravessamento do artista

Todas as vezes que caminho pela Rua Mestre Artur Pereira me pego encarando fixamente por alguns segundos a placa que indica o nome da rua antes de chegar ao meu destino final. Observar aquela plaquinha, simples e aparentemente sem importância, igual a outra qualquer, é, às vezes, uma situação estranha, mas também simbólica.

A Rua Mestre Artur Pereira nem sempre teve esse nome. Na verdade, é uma mudança recente que só aconteceu em 2014, quando foi sancionada a Lei Municipal nº 2.858, alterando o nome da Rua das Flores para Mestre Artur Pereira. Foi também nessa ocasião a primeira vez em que eu ouvi falar sobre o escultor. Até então, o seu nome e a sua história eram desconhecidos para mim.

Lembro-me de que fiquei me perguntando quem seria aquele homem e qual teria sido a sua importância para receber esse tipo de homenagem. Apesar de ter ficado com o questionamento na minha mente, naquela época, pouco pesquisei sobre ele, e as informações que tive eram básicas, resumindo-se apenas ao fato de ele ser um escultor cachoeirense.

Depois de um tempo, deixei de lado essa minha curiosidade... até janeiro de 2018. Em conversas com alguns moradores de Cachoeira do Brumado, para mapear os possíveis personagens do meu livro, quando ainda não tinha o recorte no artesanato, cheguei até o nome dele. Na ocasião, pensei em escrever um perfil sobre o artista, pela razão de ter iniciado a produção das esculturas de madeira no distrito. Porém, o que eu não poderia imaginar é que Artur Pereira é bem mais que isso.

Pensar que, até poucos anos atrás, eu praticamente não sabia sobre ele e agora estou escrevendo um perfil seu é, às vezes, um pouco estranho. Ele que, por um tempo, não passava de um nome que eu via, mas não tinha ideia do que representava, hoje tem a minha admiração e o meu respeito. Já não é mais apenas uma ideia abstrata; agora, para mim, Artur Pereira ganhou vida, importância e reconhecimento.

O Artur Pereira que eu conheço agora é o escultor e artista popular que, mais do que ter tido a rua em que morava homenageada com

o seu nome, ganhou o mundo graças à sua arte. É aquele que, mesmo com todo o seu talento, não abandonou as suas raízes e a vida simples. É aquele que, com toda a sua genialidade, levou o nome do seu distrito para lugares distantes, que um dia ele nem sequer imaginou ou visitou. É aquele que não vejo apenas como um artesão, mas também como um artista importante. A minha relação com a sua obra já não é mais a mesma; hoje, já não a vejo com os mesmos olhos, mas com os olhos dos bichos que um dia ele esculpiu.

Apesar de tudo, a imagem que eu tenho agora de Artur Pereira ainda está distante de ser a que muitos cachoeirenses têm. É triste perceber que grande parte da nossa comunidade não tem noção de quem ele realmente foi e do que fez. Não conhecem a sua obra, a sua história e o seu reconhecimento entre os mais importantes artistas populares no Brasil e, quiçá, no mundo.

Será que as pessoas, quando veem aquela plaquinha fixada em algumas paredes com o seu nome, se perguntam sobre quem seria o Mestre Artur Pereira ou apenas ignoram? Será que, em algum momento, elas tiveram a curiosidade de saber mais sobre ele ou imaginaram quais histórias aquela rua guarda? Não sei, mas espero que elas possam mudar a sua relação, questionar sobre quem foi o artista e o vejam para além do nome em uma placa, que busquem conhecer a sua obra, como eu fiz.

Apesar de ser cachoeirense, nunca tinha visto as peças que ele esculpiu... Até agora. Mesmo assim, o nosso encontro não foi em Cachoeira do Brumado, que tanto inspirou a sua obra, mas, sim, em Belo Horizonte (MG). Era uma quinta-feira, 28 de fevereiro de 2019, véspera de carnaval. O dia estava nublado e chovia — o que combinava um pouco com a minha aflição. Iria finalmente me encontrar com as esculturas de sô Artur. Mas isso tudo só foi possível aos 45 minutos do segundo tempo.

Entre dezembro de 2018 e março de 2019, o Centro de Arte Popular da Cemig organizou a exposição *Fauna e Fé*, com as peças do artista. Bichos, presépios, colunas de animais e caçadas, características marcantes da sua obra, compuseram a mostra. Quando, ainda em dezembro, li em uma

matéria do jornal *Estado de Minas*⁵ sobre a exposição, a primeira coisa em que pensei foi: “eu preciso ir”. Mais do que isso, a minha intenção inicial era ir com a família dele, pois, além de ser uma oportunidade de ver a sua obra pelos olhos dos seus familiares, seria uma troca de experiência e opiniões muito importante. Assim, poderia conhecer melhor dos dois mundos de sô Artur: a figura humana do pai, avô e amigo e o renomado escultor cachoeirense.

Até meados de fevereiro, esperei por uma resposta de alguns dos seus familiares sobre irmos juntos, o que, infelizmente, acabou não sendo possível. Por saber que a exposição terminaria em breve, comecei a pensar em estratégias para visitá-la ou, no mínimo, ter mais informações que pudessem me ajudar na escrita desse perfil. Primeiro, consegui entrar em contato com o Antônio Carlos Figueiredo, um dos curadores da mostra, que gentilmente se propôs a colaborar e a conceder uma entrevista. Porém, faltava o principal: ir a Belo Horizonte. E tinha de ser logo, já que, à época, faltavam menos de vinte dias para o encerramento da exposição. Depois de alguns obstáculos, consegui ir na véspera de carnaval e foi, sem dúvida, uma das experiências mais marcantes durante a produção deste livro.

Quando sô Artur morreu, eu era muito nova e estava prestes a completar seis anos. Por isso, é bem provável que eu não o tenha conhecido. Entretanto, estar ali, naquela exposição, em contato com a sua obra, era como se eu estivesse encontrando-o para a conversa que nunca tivemos. Ali, a sua arte falava por ele. Em cada peça, eu poderia imaginá-lo me contando sobre como começou a esculpir, as suas inspirações e o seu processo de criação. Em cada escultura que era por mim admirada, eu reconhecia as suas referências; em cada peça, eu podia imaginar as suas mãos entalhando a madeira.

Enquanto estive na mostra, a sensação que tinha era de que, ali, eu conhecia Artur Pereira melhor do que nunca — e olha que eu ainda estava

⁵ ESTADO DE MINAS. *Centro de Arte Popular abre a exposição Artur Pereira com 50 esculturas*. Disponível em: <<https://www.uai.com.br/app/noticia/artes-e-livros/2018/12/05/noticias-artes-e-livros,238276/centro-de-arte-popular-abre-a-exposicao-artur-pereira-com-50-escultura.shtml>>. Acesso em: 12. dez. 2018

longe de saber algumas coisas incríveis sobre ele. Tanto que poderia até explicar sobre ele e sua obra para alguém que estivesse visitando o local. Sem dúvida, estar na exposição e finalmente conhecer o seu trabalho foi uma experiência incrível e enriquecedora não apenas para o meu livro, mas para a minha relação com o ser cachoeirense e com a arte popular.

Foi por meio da exposição que pude ver o mundo da forma como Artur o enxergava e o criou para si. Universo que, anteriormente, ainda no ano passado, eu já havia buscado conhecer por meio do artesanato em madeira. Eu, que sempre me considerei sem jeito para atividades artísticas como pintar e desenhar, arrisquei-me a aprender a esculpir. Essa foi a maneira que encontrei para tentar me aproximar do escultor e da sua arte. Por isso, durante uma semana, em agosto de 2018, fiz uma pequena oficina com o escultor cachoeirense Adão — que também é um personagem deste livro. Essa foi a primeira e única vez em que eu me envolvi diretamente com a produção desse artesanato cachoeirense.

Com a ajuda de Adão, fiz um pequeno ramo de flor, que a minha mãe rapidamente pendurou na parede da sala, incorporando à decoração. Apesar de o resultado ter ficado bom, para alguém que nunca tinha feito nada parecido, não tornei a esculpir, já que, ao contrário de Artur e Adão, não tenho o talento e a aptidão necessários para a atividade. Mas essa tentativa foi importante para perceber alguns detalhes sobre esse artesanato e a relação entre artesão e obra. Ainda, foi por causa do convívio com Adão, durante a oficina, que decidi também perfilá-lo.

Por outro lado, o meu desinteresse em continuar aprendendo a fazer o artesanato é, de certa forma, uma analogia ao futuro (ou não) das esculturas em madeira em Cachoeira do Brumado. Diferente das painéis de pedra-sabão e dos tapetes de sisal, o artesanato em madeira não é tão famoso na região, nem há tantos artesãos que façam as esculturas, mesmo sendo algo valorizado no cenário da arte popular brasileira.

Em 2019, dezesseis anos após a morte do pioneiro dessa arte em Cachoeira do Brumado, o futuro das esculturas de madeira no distrito já era considerado incerto. “Não, vai não [ter esculturas daqui a alguns anos], pelo que eu tô vendo! Eu não vou comprar madeira mais [...] E a

madeira se tornou uma coisa bem difícil, né!”, comentou à época o filho de sô Artur, José Pereira. Naquele ano, além dele e de Adão, havia apenas outros dois escultores na comunidade, sendo que um, segundo Adão, já não esculpia mais, devido à decadência no turismo cachoeirense. Além disso, o filho de Artur Pereira, que por muitos anos deu continuidade ao trabalho de seu pai, relatou, à ocasião, que pretendia parar em breve de exercer o ofício, uma vez que não adquiriria mais matéria-prima e utilizaria somente a madeira que já tinha armazenada.

Quando penso sobre o meu futuro, não sei por quanto tempo ainda morarei em Cachoeira do Brumado nem se continuarei a caminhar pela Rua Mestre Artur Pereira com tanta frequência como agora. Não sei se ainda olharei para aquela plaquinha e pensarei no quanto aprendi por causa do nome que ela traz, nem mesmo se continuará a ser chamada assim.

Independentemente disso, quando penso sobre o futuro do nome de Artur Pereira e do seu pioneirismo, sei que eles ainda serão lembrados, seja por causa da família, dos colecionadores da sua obra, do meu livro ou de outros trabalhos que já foram feitos sobre ele. Ao mesmo tempo, esculpir o perfil de sô Artur é reconhecer que ele ainda está vivo e sempre estará, não apenas no glamour e na fama que o seu nome aciona, mas, sobretudo, na forma simples e intuitiva de olhar o mundo e traduzi-lo em arte.

Se, na primeira vez em que caminhei pela Rua Mestre Artur Pereira, eu não tinha ideia de quem poderia ser o dono daquele nome, muito menos poderia imaginar a sua importância, hoje, quando encaro aquela plaquinha, vejo além de um nome de rua do nosso distrito. Agora, tenho o meu olhar mais aberto e admirado pela grandeza da pessoa e do artista que Artur Pereira foi; reconheço a sua originalidade e a sua importância ao conhecer e me afetar por sua história de vida e por sua obra. Mais do que atravessar a Rua Mestre Artur Pereira, busquei, como diz Eliane Brum⁶, atravessar a minha própria e complexa rua.

⁶ BRUM, Eliane. *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*. 2ª ed. rev. e ampl. Porto Alegre - RS: Arquipélago Editorial, 2017.

CAPÍTULO 3

ADÃO DE LOURDES CASSIANO



Foto de Sô Adão com uma das suas peças esculpidas em maio de 2019.
Crédito: Taysa Bocard.

O REI QUE ESCULPE HISTÓRIAS

“Uma coisa que me deixa muito... satisfeito! Porque eu faço uma coisa que eu gosto e essa coisa que eu gosto está sendo aceita pela população, né? Pelo pessoal! Então, eu fico muito satisfeito!”.

Adão de Lourdes Cassiano

Localizada na Rua Firmino Ulhõa, em Cachoeira do Brumado, uma casa azul, de arquitetura próxima à de uma construção histórica, se destaca em meio a tantas outras: é ali que mora o escultor cachoeirense Adão de Lourdes Cassiano, ou melhor, o “escultor Adão L.”, como a plaquinha de madeira, esculpida por ele, indica.

Entrando pelo pequeno portão de ferro, os dois mundos de Adão se misturam em um só: o homem e o artista. Com um sorriso no rosto, braços abertos e café na mesa, sô Adão recebe você para um “dedinho de prosa” ou para conhecer o seu trabalho. Foi assim, de forma calorosa e simpática, que ele recebeu a mim, assim como seus familiares, amigos e admiradores nos dias em que estive em sua casa. Porém, mais do que seu próprio lar, ali também é o lar da sua arte. É ali, em meio à toda a simplicidade e o aconchego, que as suas belas esculturas de madeira nascem e encantam o Brasil e o mundo. É no fundo da sua casa, entre a cozinha e o quintal, que a sua imaginação ganha vida por meio da madeira.

Os sons da madeira sendo entalhada, das águas do rio Brumado, que passa por trás do seu quintal, dos carros e das motos na rua e das conversas lá fora se misturam com o da sua fiel companheira: a televisão. Enquanto se dedica a esculpir mais um dos seus presépios, os apresentadores do *Jornal Hoje* ou os jogadores da Seleção Brasileira Masculina de Futebol, projetados na tela, “assistem” ao trabalho do artista.

Troncos de madeira; prateleiras com ferramentas; mesa com algumas peças expostas; sofá e cadeiras para receber os visitantes; quadros e fo-

tografias pendurados pelas paredes; no armário, livros que falam do seu trabalho e algumas homenagens que já recebeu; na cômoda, guarda as suas fotografias antigas e outros pertences; no canto, um fogão a lenha cozinha feijão em uma panela de pedra-sabão. Ao fundo, o quintal, repleto de tons de verde, integra o ambiente. Tudo isso compõe o cenário perfeito e harmonioso para as suas obras. Diferente de outros artistas, sô Adão não tem um lugar próprio e exclusivo para chamar de ateliê... A sua vida e o seu trabalho são esculpidos, juntos, em um só lugar; em uma só terra que ele escolheu para ser o berço da sua arte.

Nascido na cidade de Mariana (MG) em 11 de fevereiro de 1945, foi aqui, em Cachoeira do Brumado, que o filho de Jozimbra Inácio Cassiano e Corjesus Cassiano e o seu artesanato foram acolhidos. Mesmo não tendo nascido no distrito, não há quem discorde que sô Adão é tão cachoeirense quanto quem nasceu, cresceu e vive na comunidade. “Aqui é um bom lugar! Eu acho melhor até que Mariana! [...] A minha vida [é] mais aqui em Cachoeira de que em Mariana, quando eu nasci”, fala cheio de si sobre a sua paixão pela nossa Cachoeira e a certeza de que, assim como eu, é um cachoeirense nato.

Se foi na Primaz de Minas que sô Adão nasceu e viveu parte da sua vida, foi nas terras cachoeirenses (e por causa delas) que o seu nome ecoou e ecoa no cenário da arte popular brasileira. Mas nem sempre foi assim. As mãos que hoje, habilidosas, executam com maestria a arte de transformar a madeira em esculturas, por muitos anos desconheceram o talento e a habilidade de Adão para o artesanato. As mãos que brincam com os troncos de cedro, vinhático ou angico são as mesmas que construíram casas, escolas ou comércios na região. Foi assim, trabalhando como pedreiro, que seu interesse em esculpir despertou. Entretanto, diferente do que se imagina, Adão não começou entalhando a madeira, mas, sim, a pedra-sabão.

Tudo começou na década de 1970, quando, depois de se casar com a cachoeirense Maria das Mercês Martins Cassiano, em 1969, o escultor se mudou para o distrito. Na época, não tinha nem 30 anos e estava trabalhando na construção da atual Escola Estadual Dona Reparata Dias

de Oliveira quando teve o seu primeiro contato com a pedra-sabão, até então desconhecida por ele, após encontrá-la enquanto fazia a fundação do prédio escolar. “A gente veio construir o grupo, né? Depois a gente resolveu experimentar a pedra; nós fizemos várias peças de pedra e gostei, e continuei e tô até hoje! Aí passei pra madeira e estou enfrentando a madeira até hoje!”, recorda o artista.

A mesma pedra-sabão usada por muitos cachoeirenses para fazer painéis e outros utensílios foi escolhida por Adão para trilhar os seus passos na arte de esculpir. Com a rocha, aprendeu sozinho a modelar pequenas peças individuais, como flores e animais, com as quais presenteou a sua esposa e os seus amigos. “Eu comecei a criar aquelas peças individuais assim... Fazendo ali à toa, sentado. [...] Então, eu pegava aquelas pedras e ficava trabalhando nela ali e fui criando”, conta o artista. Naquela época, mesmo sabendo que Artur Pereira, outro escultor cachoeirense e pioneiro das esculturas de madeira no distrito, esculpia, ainda não tivera curiosidade em conhecer o trabalho dele.

No início, esculpir era apenas uma distração para Adão; uma atividade de lazer para relaxar depois de mais um dia árduo trabalhando como pedreiro. Para isso, gostava de sentar-se em um dos passeios da rua da sua casa e, enquanto “proseava” com os amigos, esculpia as suas pequenas peças em pedra-sabão. Foi em uma dessas tardes que Artur Pereira — que já era reconhecido pelas suas obras — “descobriu” o talento de sô Adão para as esculturas. Naquela ocasião, o até então pedreiro estava trabalhando em peças de um presépio de pedra que estava fazendo.

Ao saber disso, sô Artur propôs que Adão se inscrevesse no concurso de presépios promovido pela Fundação de Arte de Ouro Preto (Faop), o mesmo de que ele já havia participado e vencido por duas vezes. “Apresentei esse presépio de pedra e ganhei o primeiro prêmio. Aí foi como tivesse [tomado] injeção na veia, né? De ânimo!”, lembra o escultor da sua conquista no fim da década de 1970.

Depois do prêmio, revigorado por ver as pessoas gostando e admirando suas peças, sô Adão continuou a esculpir. Até que, novamente, sô Artur teve um papel importante na vida e no trabalho de Adão ao incentivá-lo

a substituir a pedra-sabão pela madeira. “Aí fiquei fazendo várias outras coisas de pedra, mas a pedra é muito pesada. Aí, sô Artur me deu uma madeira e falou assim: ‘ô, Adão, experimenta a madeira’. Fui, experimentei a madeira de várias formas, né? Vertical, horizontal e gostei; e comecei a trabalhar com a madeira!”, conta.

Desde então, Adão nunca mais utilizou a pedra-sabão para fazer suas esculturas. “A pedra é mais fácil, mas ela é muito frágil. A madeira é mais resistente, mas tem mais trabalho, mais difícil um pouco pra gente fazer detalhes nela, né? A pedra oferece muita facilidade, mas tem essa: além de ser muito pesada, é também frágil; quebra à toa!”, explica, sobre as diferenças entre as matérias-primas. Mesmo tendo realizado essa troca, sô Adão ainda guarda com muito carinho algumas das suas primeiras peças feitas em pedra-sabão.

Já utilizando a madeira, Adão participou novamente da premiação promovida pela Faop e, mais uma vez, conquistou o primeiro lugar do concurso. Foi assim, esculpindo presépios, que Adão começou a se firmar como escultor. Tanto que Carlos Eucy, admirador e colecionador da sua obra, lhe chama carinhosamente de “o rei dos presépios”. O colecionador tem vários dos presépios esculpidos pelo artista cachoeirense e garante que nenhum é igual ao outro.

Apesar disso, a incerteza de trocar o seu trabalho como pedreiro pela arte ainda pairava sobre Adão. Por isso, deixou que o próprio destino e o interesse (ou a falta dele) das pessoas em seu trabalho definissem qual rumo deveria seguir. Assim, depois de juntar todas as suas economias, de forma que garantissem o seu sustento e o da sua família, fez um acordo consigo mesmo: ficaria por seis meses sem trabalhar como pedreiro, apenas fazendo esculturas. Se a experiência desse certo e as pessoas gostassem do seu trabalho, passaria a dedicar-se apenas às atividades como escultor.

“Ó, graças a Deus, nos primeiros meses que eu fui produzindo, foi só vendendo. É até hoje! Graças a Deus! Com um pouco mais tá vendendo as coisas aqui. Vende, faz outro e põe aí. [...] Aí direto e até hoje, eu só trabalho com isso. Num precisou da gente mexer no dinheiro que tava separado pra seis meses”, revela o artista que há mais de 40 anos se dedica

exclusivamente a fazer suas esculturas. Durante esse tempo, o fascínio de sua arte chegou a pessoas de cidades brasileiras como Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Cataguases e países como Alemanha, Estados Unidos, França, Itália e México.

O apoio que Adão recebeu de Artur Pereira, a quem é grato, resultou em uma grande e bela amizade. Por diversas vezes, os dois foram juntos, entre maio e agosto de cada ano, cortar a madeira nas matas da região — era nessa época, nos meses sem “R”, como diz o escultor, que a madeira apresentava melhor qualidade. Nessas ocasiões, para diferenciar quem era o dono da matéria-prima, sô Adão utilizava a sua inicial “A”, e sô Artur, a letra “P”.

A rivalidade entre os artistas nunca existiu. Pelo contrário: um indicava o outro para os compradores, pois, por mais que a técnica fosse a mesma, cada escultor tinha a sua forma única de criar. “Eu criei a minha forma de criar peças. As minhas são umas árvores completamente diferentes do que ele [Artur Pereira] fazia. Quem quisesse, poderia comprar aqui, comprar lá, porque os atos seriam diferentes, né? [O] animal podia até ter o mesmo nome, mas a dualidade do animal é completamente [diferente]. [...] Então, cada um cria aquele tipo de animal, pode ser a mesma qualidade, mas tem muita diferença! Mas tem mesmo! Muita diferença!”, garante sô Adão.

Tais diferenças foram perceptíveis pelo meu olhar, até então, ingênuo para essas artes. A obra de Artur Pereira tem um acabamento mais rústico, sendo possível perceber até as marcas de corte na madeira, já as de Adão de Lourdes são mais lisas. Além disso, sô Artur não gostava de encerar as suas esculturas, pois, para ele, a cera “enfeitava” a madeira, enquanto as peças de sô Adão são todas enceradas e lustradas.

Além do arremate, as próprias imaginação e inspiração para criar são diferentes para cada escultor. “Eu tenho um imenso recurso pra criar”, orgulha-se Adão, que cria 42 tipos diferentes de peças. Dentre essa variedade, atualmente, faz em média oito tipos diferentes, que são as esculturas mais pedidas pelas lojas de artes e por seus clientes.

Mais do que se inspirar no cotidiano e nas paisagens locais, a literatura ganha uma nova vida pelas mãos de sô Adão. Influenciado pelo hábito da juventude, quando lia muitos livros, principalmente porque não havia muitas opções de lazer em Cachoeira do Brumado, o artista cria algumas das suas obras. Dentre elas, merecem destaque as esculturas *Tristão e Isolda*, baseada em um romance de mesmo nome que conta a história lendária de um amor trágico, e *Corrente de Escravos*, inspirada na leitura de um manuscrito sobre a escravidão na cidade histórica de Ouro Preto (MG).

“Eu crio *Tristão e Isolda* porque esse tema é muito bonito. Eu criei vários tipos de peças que a gente leu. O romance de *Tristão e Isolda* é muito lindo; muito lindo! Cê conhece? Cê precisa de ver! É muito emotivo e tem muitas personagens medievais, né? Boas pra gente criar! O que eu gosto é daquele barco com aquela carranca. Coisa antiga, bonita! Essa aí eu fui criando e entusiasmei!”, conta, cheio de ânimo, sobre a peça que é um navio medieval com rei, princesa e soldados.

Junto com as histórias dos livros, o rei dos presépios vai esculpindo a sua própria história. Não é à toa que, entre conversas e risos, um detalhe curioso chama atenção na fala mansa do artista. Nas diversas vezes em que narra algo sobre a sua vida, especialmente relacionado ao seu trabalho como escultor, refere-se a si mesmo como “a gente”. Seria essa a sua forma de demonstrar que ele e sua obra são um só?

Independentemente de quantos presépios ele já tenha feito, ou sapos, animal marcante em sua obra, cada escultura é única. “Num tem jeito, não! Cada peça é uma peça!”, enfatiza. Mas, se tem alguma coisa que todas elas têm em comum é o capricho com o qual são feitas. “Eu não tenho preferência, não! Todas as peças [têm] aquela forma de carinho, são todas as mesmas! Cê tem que ter aquele carinho de criar a peça e de arrematar. Mas tem uma coisa que você cria com mais carinho, principalmente se essa peça for a primeira que você tiver fazendo. Essa peça, ela tá nascendo dentro da sua mente pra você pegar. Então, é muito importante essa peça; se torna o momento mais sublime! Mais importante!”, relata.

Sô Adão tem uma capacidade incrível de criação e execução. Com o desenho da sua peça em mente, delicadamente, o escultor desenha na

matéria-prima os traços da obra que esculpirá. Em seguida, utilizando formões, vai passando para a madeira tudo o que imaginou e, quando começa a entalhar, uma relação bonita entre o artista e a sua obra se forma. Cuidadoso, atenção não lhe falta enquanto esculpe. Tudo isso para não ocorrer aquilo que ele chama de “golpe de vista”, ou seja, quando se confundem os traços desenhados que podem levar a cortar uma parte da madeira que seria essencial para a peça.

O seu jeito de segurar as ferramentas, a posição e a velocidade com a qual bate com o macete para cortá-la fazem parte de um trabalho minucioso e sensitivo executado por ele. Tanto que, em todos esses anos dedicados às esculturas, nunca deixou de fazer uma peça que desejou. E olha que foram muitas! Incontáveis! “Toda vez que eu quis fazer as peças, eu construí. Num tive dificuldade nenhuma! Porque [é] o seguinte: quando você pega uma madeira procê fazer uma peça, você vaza ela mentalmente. Você cria a peça na sua cabeça e depois [faz]”, afirma o artista.

Aos seus 77 anos, sô Adão continua a executar seu trabalho com toda a perfeição. As dores que, aos poucos, insistem em aparecer, somem diante da sua paixão pela arte — tão diferente de mim e da minha inexperiência em esculpir. Parar de fazer esculturas é um pensamento que nunca foi cogitado; não enquanto estiver vivo. “Claro, né? A gente vai morrer! Mas, sim, enquanto eu puder trabalhar, eu vou trabalhando, né? Mas enquanto a gente tiver disposição, que nem eu tô tendo ainda, vou trabalhando. Só as madeiras que eu não sei como vou fazer, porque, no mato buscar, eu acho que num vou mais não”, confessa o escultor.

Entretanto, o artista teme pelo futuro do artesanato no distrito, principalmente porque o fluxo de turistas já não é mais o mesmo do passado. “Aqui era uma venda de panela de pedra e tapetes... e levando tapete pra fora, e escultura saindo; [era] um carro atrás do outro! Às vezes, você não vendia pra um aqui, com pouco outro tava chegando e você tava negociando com o outro... Acontecia de um chegar, olhar a peça, falava o preço e ele: ‘tá certo! Tá certo!’. Com pouco chegava o outro, eu achei que tava [com] ele [o primeiro cliente], e tá: ‘quanto que é?’. Me plantava o cobre, levava a peça. ‘Ô, sô Adão, ocê vendeu a minha peça!’.

‘Ah, o senhor não falou nada! Eu achei que o moço aí era seu colega também!’. Era muita gente! Acabou esse tempo, tá?”, relembra. Diante das nostalgias, sô Adão garante que ainda vende as suas esculturas por causa do seu reconhecimento no cenário da arte popular brasileira: “Eu vendo porque sou muito conhecido”.

Mais do que uma fonte de renda, as esculturas são um modo de Adão sobreviver espiritual e culturalmente: “[é] uma coisa que me deixa muito... satisfeito! Porque eu faço uma coisa que eu gosto e essa coisa que eu gosto está sendo aceita pela população, né? [...] Então, eu fico muito satisfeito!”. Por isso, é sempre na mesma forma simples, vestindo suas roupas sociais, o seu boné e um sorriso, na sua casa-lar-ateliê, que sô Adão esculpe. Esculpe a sua casa, sua vida e sua arte (e, por que não, a nossa Cachoeira?). Tudo em uma só harmonia e com amor. Sô Adão esculpe... e entalha na madeira animais, presépios, lembranças, histórias de livros e de uma Cachoeira em que também habita reis, princesas, escravos, soldados, além de seres mitológicos e fantásticos; uma Cachoeira do Brumado que, por meio das suas mãos e da sua arte, se torna encantada.

Imagem 5 – Adão esculpindo uma árvore



Legenda: “Essa árvore não faço ideia onde tá”, disse Adão sobre a peça que estava esculpindo na foto. Ao fundo, além de alguns troncos de madeira, é possível ver também dois cavaleiros esculpidos em pedra-sabão.

Crédito: Arquivo pessoal de Adão de Lourdes Cassiano.

Imagem 6 – Adão recebe a visita do escultor Artur Pereira
em sua casa, no fim da década de 1990



Crédito: Arquivo pessoal de Adão de Lourdes Cassiano

Imagem 7 – Adão lixa parte interna de um presépio que esculpiu



Legenda: Para arrematar suas peças, o escultor utiliza cerca de três tipos de lixas.
Crédito: Taysa Bocard.

Aprendendo a esculpir uma vida

Aos poucos, vou recordando a primeira vez em que estive na casa de Adão. Eu deveria ter uns 11 anos e tinha ido à casa dele com um grupo de colegas para um trabalho escolar. Não me lembro exatamente qual trabalho era nem o que foi feito... Mas as vagas lembranças daquele dia voltam fortemente enquanto escrevo este texto.

Diferente das minhas confusas memórias de infância, as do nosso primeiro contato em 2018 estão bem nítidas. Era uma terça-feira, 31 de julho, quando fui até a casa de Adão, que também funciona como seu ateliê, para conversar sobre o meu livro. Como havia muito tempo que não o via e, também, tinha ido sem avisar, lembro-me de que fiquei sem graça e receosa sobre o que ele poderia achar, principalmente porque, inicialmente, o meu objetivo era apenas conversar sobre Artur Pereira, outro escultor cachoeirense e personagem deste livro.

Acabando com todas as minhas preocupações, sô Adão não só me recebeu muito bem, como também prontamente se colocou à disposição para ajudar. “Volte sempre que quiser!”. E foi exatamente isso o que fiz! Já no dia seguinte, voltei à sua casa. Assim que lhe chamei do portão, Adão, do local onde trabalha, me convidou: “chega pra cá!”. Mesmo ainda estando sem graça, entrei e novamente fui surpreendida: enquanto fazia um presépio, o escultor assistia ao *Jornal Hoje* para relaxar — mais tarde acabei descobrindo que a televisão faz parte da sua rotina de trabalho.

Enquanto trabalhava, sô Adão me contou sobre as ferramentas que utiliza e como é o processo de esculpir. Não tinha nem 15 minutos que estávamos conversando quando ele viu, passando na rua onde mora, o carro de três colecionadores de Cataguases (MG), Carlos Eucy, sua irmã Eucília e o marido dela, Ailton. No mesmo instante, o artista pediu licença e saiu para receber os seus três visitantes. Se o mineiro (e o cachoeirense também) tem fama de ser receptivo e acolhedor em sua casa, Adão, com certeza, representa muito bem o “jeitinho mineiro de ser” e receber as visitas.

Para ele, aquelas pessoas não eram apenas admiradoras da sua obra, mas também amigas. Pessoas que se sentaram e bateram papo, foram até o seu quintal e horta, tomaram café, perguntaram sobre a vida e viram as suas fotos e livros. O carinho e a atenção com que Adão tratou os apreciadores de sua arte (e clientes) foram os mesmos com os quais ele recebeu a mim e aos seus familiares, amigos próximos e vizinhos durante os dias em que estive com ele em sua casa. Tanto que, no fim da tarde, antes de o grupo se despedir, o escultor os presenteou com mudas de rosas do seu quintal, além de Carlos Eucy ganhar também uma coruja por ele esculpida.

Lembro-me de que, nesse dia, a minha presença na casa do escultor causou uma certa surpresa aos colecionadores. Depois que sô Adão nos apresentou e falou que estava fazendo uma entrevista com ele, o grupo ficou curioso para saber de onde sou, como conheci sua obra e se já tinha estado ali antes. Expliquei que sou cachoeirense e que estava entrevistando-o por causa do meu livro.

Isso chamou a atenção de Eucília, que ficou interessada em saber mais sobre o meu trabalho e disse que estava feliz por saber que a história dele seria contada. Foi ela quem também esteve o tempo todo mais empolgada e feliz por estar na casa de Adão. Lembro-me de que, quando o grupo chegou, ela disse que era uma honra, finalmente, conhecer quem, nas palavras de seu irmão, é “o rei dos presépios”. Coincidentemente, era um presépio que o escultor estava fazendo naquele dia.

Até então, Adão não estava entre os personagens a serem perfilados, mas, ao ouvir aquilo, mais do que feliz por ela também acreditar em meu projeto, foi a primeira vez que passei a considerar a ideia de também escrever sobre ele. Além disso, o encanto que senti ao ver sua obra e a forma carinhosa como me recebeu me fizeram pensar que seria uma forma de valorizar o seu trabalho e reconhecer o carinho e a confiança que em me foram depositados.

Depois que eles foram embora, eu ainda fiquei lá por mais tempo, pois, mais do que retornar à nossa conversa, queria pedir a ele que me ensinasse a esculpir. Estava decidida: queria tentar fazer a minha própria

peça em madeira como parte do processo de troca de experiências durante a vivência e a escrita deste livro.

Mais uma vez, o escultor não hesitou em dizer “sim” ao pedido da “senhorita” — a forma carinhosa como ele me chama. Por isso, por quase uma semana, fui praticamente todas as tardes à sua casa para aprender a esculpir. Por ser a primeira vez em que faria o artesanato (que acabou se tornando a única), comecei por uma peça simples. Durante todos os dias do meu curso, sô Adão foi paciente diante das minhas dúvidas e dificuldades no processo de entalhar a madeira. Mais do que isso, foi prestativo e me ajudou muito a fazer um pequeno ramo de flor. Sem ele, com certeza, eu não teria conseguido!

Esculpir não é tão simples, nem fácil, quanto parece. Dá trabalho e, no meu caso, doeu. Por não estar acostumada com a atividade, no segundo dia de aula não consegui ir, pois estava “com o pulso aberto”, sentindo muita dor e sem força na articulação do punho. A força necessária e a minha falta de jeito fizeram com que eu sentisse uma dor insuportável por dois dias seguidos, sem conseguir fazer muito esforço — tanto que até segurar o celular ou digitar no computador causava dor. Diante da minha impossibilidade, liguei para ele e disse que não conseguiria ir. Como era uma sexta-feira, só voltei à casa do escultor na segunda-feira seguinte, e ele, compadecido da minha dor, havia retirado todo o excesso de madeira que ainda restava em minha peça. Tudo isso só para que eu não fizesse muito esforço com a mão machucada.

Naquela mesma tarde, terminei o meu ramo de flor. Fiquei feliz com o resultado, mas continuo achando que não tenho o talento necessário nem criatividade igual a Artur Pereira e Adão de Lourdes. “O que não pode faltar é talento. Porque, sem ele, não adianta você ter boas ferramentas. Tem que ter o talento! Aí, agora, o resto é fácil procê conseguir. Você precisa ter os formões bem afiados, vários tipos de formões, macete — porque o macete ajuda a dar pancada pra cortar, né? E você tem que ter o talento pra você saber até onde você pode cortar, o que você pode cortar. [...] Se não, você faz uma coisa e destrói outra”, confidencia sô Adão.

Eu acrescentaria dedicação, desejo, paixão pela arte e, principalmente, tempo — combinação que também é necessária para esculpir uma história. Mas, diferente de Adão, e revelando que não fui tão boa aluna como queria, eu, em muitos momentos, tive pressa. E também tive medo. Medo de fraquejar ao narrar a sua história e desapontar aquele que abriu a sua casa e o seu coração para receber uma jovem aprendiz na arte de esculpir palavras. Por isso, ao invés da madeira, eu ainda prefiro esculpir as palavras. São elas as minhas obras — mesmo não sendo tão admiradas quanto aquelas feitas pelos escultores cachoeirenses.

Se, na primeira vez em que procurei Adão para conversar, em 2018, senti que também deveria escrever um perfil sobre ele para o meu livro, no último dia da minha oficina tive certeza. Mais do que aprender a esculpir com ele, durante esse tempo, eu criei um laço próximo de amizade que talvez não teria se estabelecido se não fosse por causa deste livro. Enquanto nos primeiros dias ainda estava tímida quando chegava à casa do escultor, nos últimos eu praticamente me sentia “de casa”. Já não ia mais apenas para entrevistá-lo, mas para conversarmos sobre tudo: artesanato, Cachoeira do Brumado, a vida e até casos sobre os meus avós ou como lembrava de mim “pequeninha”.

Com o fim da minha oficina, fiquei algumas semanas sem ver ou falar com sô Adão até o fim do mês de agosto de 2018, quando o procurei a fim de fazer algumas fotos iniciais para este livro. Desse dia praticamente não consegui salvar nenhuma foto, mas aconteceu algo que me marcou muito.

Quando cheguei à casa do escultor, ele já havia terminado o presépio que estava fazendo no início do mês e trabalhava em uma nova peça, que teria frutas, flores, pássaros e onças. Enquanto conversávamos, ele me contou que tinha feito uma coruja para o professor Ricardo Silva Kubrusly, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mas que não tinha conseguido entrar em contato com ele por telefone nem por carta.

Por causa disso, sugeri a Adão pesquisarmos sobre ele na internet. Com o nome do professor em mãos, resolvi pesquisar o currículo *Lattes* dele para procurar um número de telefone ou e-mail. Acabei conseguindo apenas alguns números de telefone de seu gabinete, mas a ligação não

completava. Então, em um ímpeto de jornalista, procurei por trabalhos que ele publicou na tentativa de achar algum e-mail. E não é que deu certo?! Consegui um e-mail em um artigo publicado em anais de evento, a partir do qual sugeri entrarmos em contato.

— Você é que vai ficar encarregada de fazer isso pra mim! De mandar essa mensagem.

— O senhor tem e-mail? — perguntei. Como não tinha uma conta de e-mail, Adão pediu para que eu fizesse esse favor para ele.

— Anota aí: “senhor Ricardo, por favor, entrar em contato com o escultor Adão de Lourdes de Cachoeira do Brumado pelo telefone: (31) 3556-1025”.

E foi exatamente isso que fiz quando cheguei à minha casa. Mas, com medo de que o professor apenas ignorasse minha mensagem ou não a visse, tive a ousadia de colocar todo o recado já como assunto do e-mail e em letras maiúsculas, para chamar atenção.

Esperei alguns dias por uma resposta do professor, mas sem sucesso. Por isso, resolvi ligar para sô Adão e falar que havia mandado o e-mail, porém, não tinha obtido nenhuma resposta. Surpreendentemente, o escultor me contou que o professor havia ligado para ele no sábado, um dia depois de eu ter mandado a mensagem, e que ele iria em breve a Cachoeira do Brumado buscar a peça.

— Quanto que te devo? —, perguntou, achando que eu poderia cobrar algo por ter mandado um e-mail que não precisei nem de cinco minutos para escrever.

— Nada, não, uai! —, respondi assustada por ele ter cogitado a possibilidade de eu querer receber algo em troca pela minha ajuda. Como teria coragem de cobrar depois de tudo aquilo que sô Adão tinha compartilhado comigo e de ter doado o seu tempo, a sua paciência e a sua atenção a mim durante os dias em que estive em sua casa para a nossa oficina? Depois de toda a sua ajuda para que este livro se tornasse real? Impossível!

Naquele momento, tive uma sensação enorme de leveza por ter ajudado Adão. Mais do que ir até a sua casa, tomar o seu tempo (e informações), retribuir o carinho com que ele me recebeu todas as vezes durante o pro-

cesso de escrita desse perfil foi incrível! Porque este livro é sobre afetos. É afetar-se ao ouvir aquela história e ao narrá-la. É ser sensível ao outro, da mesma forma como Adão foi à minha dor durante a nossa oficina.

CAPÍTULO 4

MÁRIO RAMOS ELEUTÉRIO



Mário participa da cerimônia de posse do novo prefeito e vereadores do mandato 2017-2020 representando o distrito de Cachoeira do Brumado e sua arte.

Crédito: Ascom CMM/Studio Élcio Rocha.

O TROPEIRO QUE TINHA MEDO DE SER ESQUECIDO

“O mundo é muito bom, mas o tempo muito ingrato: traz tudo e leva tudo. Quando eu morrer vocês vão ter muita foto minha, vão ter muita lembrança. [...] O homem vai, mas o nome dele fica”.

Mário Ramos Eleutério

O clima era de festa, do jeito que sô Mário gostava: família e amigos reunidos, muita fartura, animação, alegria e algumas doses da boa e velha cachaça. Entre sorrisos e confraternizações, foi durante a 11ª Marcha dos Tropeiros, cavalgada realizada em 2017, que Mário assinou o seu próprio veredito: “o mundo é muito bom, mas o tempo muito ingrato: traz tudo e leva tudo. Quando eu morrer, vocês vão ter muita foto minha, vão ter muita lembrança [...]. O homem vai, mas o nome dele fica”. Talvez, quando disse isso, já estivesse pressentindo que a sua hora estava chegando... Talvez, fosse a sua forma de manifestar um receio que guardava em seu íntimo: o medo do esquecimento. O medo de não ser lembrado após a sua partida.

“Eu acho que ele tinha medo de que as pessoas se esquecessem dele. [...] Vô falava isso: ‘quando eu morrer todo mundo vai falar de mim. Vão escrever livros, vão fazer estátua, vão fazer homenagem pra tudo quanto é lado!’. Porque ele gostava disso, sabe? Tudo para ele era o povo, o povo, o povo... Mas ele tinha também esse medo, eu acho, de ser esquecido”, confidencia sua neta Kelly Eleutério Machado Oliveira.

Se algum dia sô Mário teve aflições sobre se o seu nome e o seu legado ficariam, hoje temos a certeza de que permanecem e se perpetuarão por vários anos. É que Mário Ramos Eleutério não apenas passou por Cachoeira

do Brumado, mas, sim, nas palavras da sua neta, “deixou uma marca que não é todo mundo que vai deixar”. Reflexo disso foi o seu velório, quando centenas de pessoas foram até a sua casa para dizer adeus.

Família, amigos, políticos, comerciantes, cavaleiros, amazonas e o Congado. Estávamos todos ali para prestar homenagem ao querido sô Mário. Em coro, cantamos a sua despedida: “Eita homem bão, eita homem bão, é Mário de Cachoeira, igual ele não tem não”, enquanto, ao seu redor, o Congado da Barroca⁷ dançava a celebração que foi a sua vida. Foi um velório marcante e atípico para a nossa forma de ver (e chorar) a morte. Um acontecimento bonito, apesar do luto. “O momento da perda que foi uma coisa tão triste. Nada foi mais triste do que aquilo. Nada foi mais difícil. Mas, ao mesmo tempo, foi uma coisa maravilhosa”, resume Kelly sobre as impressões e os sentimentos de todos que lá se reuniram. E olha que não fomos poucos.

Mário não era só de Cachoeira, mas também da Cachoeira, já que construiu o seu lar ao redor da queda d’água que nomeia o nosso distrito. No seu quintal estava a nossa principal atração turística. E foi lá, em sua casa, que se despediu de forma tão sublime em meio ao povo. Era tanta gente que, se tiver chegado um turista para visitar a cachoeira, provavelmente pensou que se tratava de uma festa, exceto pela tristeza. Assim como as águas do rio Brumado cortam e percorrem a nossa comunidade, naquele dia, lágrimas correram também pelos rostos de muitos dos que ali estavam. Foi assim que, numa tarde ensolarada de terça-feira, em 5 de setembro de 2017, um dia após o seu falecimento, Cachoeira do Brumado disse “adeus” e “muito obrigado” ao seu filho que partia.

Carregado pelos braços dos seus entes queridos e acompanhado pela cavalgada, o “homem bão” se despediu das terras e águas cachoeirenses. Já não mais se refrescaria nas águas brumadenses em dias quentes nem tomaria uma cerveja ou uma pinguinha à sombra dos pés de manga que cercam a nossa queda d’água. Já não iria mais para as cavalgadas nem sairia para pescar. Já não faria mais as panelas de pedra ou suas selas nem

⁷ Barroca é um subdistrito cachoeirense localizado a 32 km de Mariana (MG). A comunidade é guardiã do Congado de Nossa Senhora do Rosário da Barroca.

contaria os seus *causos* nos almoços em família enquanto saboreava uma comidinha caseira. Foi-se, após 71 anos vivendo e sendo Cachoeira do Brumado e as suas histórias. Partiu, mas deixou muito por aqui.

E não foram só as fotos e vídeos, como havia falado, mas também ensinamentos, amizades, amor e legados para o distrito. Em 2018, quase um ano após a sua morte, não havia quem ainda não lamentasse a sua perda e sentisse a sua falta. “Ele era bom, muito educado... muito carinhoso, muito bom mesmo. [...] Nossa, [sinto falta] demais! É a coisa mais triste que tem. Mexe muito com a gente, né?”, descreveu emocionada a esposa de sô Mário, Maria Alves Bezerra Eleutério. Dona Nazinha, como é conhecida, naquele momento, já não chorava mais. A dor de ter perdido o seu companheiro de vida, com quem construiu uma família de sete filhos e muitos netos, depois de dividir cinquenta anos de casados, era tão grande que não conseguia mais desabafar e deixar as lágrimas caírem. No peito, um aperto forte e as saudades.

Tristeza que também é compartilhada por amigos e conhecidos de sô Mário. Em agosto de 2018, por exemplo, ouvi de um então vereador marianense que, para ele, já não havia mais graça em voltar ao distrito depois das mortes de Carlos Magalhães, ex-diretor e professor da Escola Estadual Dona Reparata Dias de Oliveira, e de Mário Ramos Eleutério. Para ele, essas perdas deixaram Cachoeira do Brumado sem personalidades de referência... deixaram um vazio. Um vazio que não será tão fácil de preencher.

É que Mário, em seus 1,68 metros, era (e ainda é) de uma grandeza inenarrável. Transbordava espírito, esperança, companheirismo, transformação, *causos* e paixão pelo distrito, mas, principalmente, força e coragem. De alma cigana, Mário fez de vários locais sua morada, mas de apenas um deles fez lar: Cachoeira do Brumado. Por mais que viajasse por várias cidades, conhecesse diversos locais, nenhum lhe prendia; era para Cachoeira do Brumado que ele sempre retornava. Porque foi aqui que ele nasceu e cresceu; porque seu porto seguro foi, desde 1980, a região ao redor da cachoeira que banha a nossa terra, quando ali só havia uma pequena usina hidrelétrica, um gerador e um moinho.

Mário, que não só existiu, mas viveu a plenitude e a beleza do que é a vida. Não foi apenas um, mas vários. Foi filho, pai, avô, tropeiro, artesão, padeiro, comerciante, açougueiro, sapateiro, seleiro, vendedor, vereador de Mariana (MG) por três mandatos e uma infinidade de outras coisas. Por isso, dificilmente você encontrará um cachoeirense que nunca tenha ouvido falar sobre ele e as suas histórias.

Tudo começou ainda na década de 1940, quando Efigênia da Silva Ramos e Aristóteles Eleutério esperavam o segundo dos seus dez filhos. Era uma quinta-feira, 22 de novembro de 1945, quando nasceu aquele que se tornaria um personagem de referência para uma comunidade inteira: Mário Ramos Eleutério.

Filho e neto de tropeiros, foi dos antepassados que Mário herdou o ofício e seguiu os passos, tanto que, com apenas oito anos, já acompanhava o pai nas viagens com as tropas. Os tropeiros eram homens, muitas vezes tidos como valentes, que deixavam as suas casas, pais, amigos, esposas e filhos para viajar por diversos locais vendendo as suas mercadorias em busca “do pão” e do sustento para as suas famílias. Em Cachoeira do Brumado, os nossos homens valentes vendiam as panelas de pedra-sabão e, posteriormente, os baixeiros — uma espécie de manta utilizada sob os arreios para proteger o lombo do animal que era tecida no distrito. Foram também eles os principais responsáveis pela divulgação e pela comercialização do artesanato local por muitos anos, inclusive dos tapetes de piteira e sisal.

Em seus balaios, além dos artesanatos, eles levavam também alguns alimentos, como arroz, feijão, torresmo e farinha torrada, e alguns poucos utensílios para cozinhar. Inclusive, reza a lenda que o feijão tropeiro, prato típico de Minas Gerais, tornou-se conhecido graças a esses homens, que muitas vezes comiam somente feijão misturado com farinha e torresmo.

“Na época era tudo difícil. O dinheiro corria pouco. Então, o que eles faziam: às vezes não queriam vender a panela a prazo, pra ficar de seis em seis [meses] no prazo da colheita, eles trocavam as panelas por mercadoria; trocavam por arroz, por café, toucinho salgado, carne seca e voltavam para casa trazendo mantimento [...]. A vida do tropeiro naquela

época não tinha passeio, não tinha nada. Eles teriam que buscar o sustento pra família. Então, trazendo os mantimentos pra casa, eles estavam fazendo o que era importante pra eles”, lembrou Mário ao programa *Terra de Minas*, exibido em fevereiro de 2015⁸, sobre algumas das dificuldades enfrentadas nas tropas.

Esses eram apenas alguns dos exemplos das durezas enfrentadas durante as viagens com as tropas, que poderiam durar até sessenta dias. Além disso, não havia conforto algum: os banhos eram os famosos “banhos de cavalo” — ou seja, tomados sem chuveiro, utilizando apenas algum recipiente para jogar água no corpo — e, quando anoitecia, para dormir, procuravam algum rancho das fazendas próximas e lá pernoitavam.

As situações difíceis também eram enfrentadas pelos familiares dos tropeiros, que esperavam, às vezes angustiados, por sua volta. Algumas vezes os alimentos chegavam a acabar em casa, situação vivida por Mário e sua família durante a sua infância. Ainda em 2010, ele me explicou que, nessas ocasiões, ele e outras crianças cantavam para suas mães: “chuchu no almoço, chuchu no jantar, chuchu na peneira de coar fubá”. Se algum parente ficasse doente ou ocorresse alguma emergência, era difícil entrar em contato com os tropeiros, pois não havia celulares nem telefone fixo nas casas.

Mas nem só de dificuldades era marcada a vida dos tropeiros. As tropas também proporcionavam aos homens valentes a oportunidade de conhecer novos lugares e pessoas. E foi em uma das suas “aventuras de tropeiro” que sô Mário conheceu, aos 17 anos, a sua primeira namorada. Ele estava viajando pela cidade de São Miguel do Anta (MG) quando conheceu a jovem Francisca, carinhosamente chamada por ele de Chica. “Não era Chica da Silva, mas era Chica e até mais bonita”, revelou-me em 2010. No entanto, o amor que nasceu nas tropas não durou muito, já que a moça acabou se mudando para o Paraná.

⁸ TERRA DE MINAS. *Memorial do tropeiro é inaugurado em Cachoeira do Brumado*. 2015 (6m49s). Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/videos/t/terra-de-minas/v/reprise-memorial-do-tropeiro-e-inaugurado-em-cachoeira-do-brumado/4773793/>>. Acesso em: 27. ago. 2018

Hoje, a realidade é outra para os homens que ainda viajam vendendo as painéis de pedra: as tropas foram substituídas por automóveis e a comunicação é feita com facilidade por meio dos aparelhos celulares. Mário não só viu como viveu essas mudanças no distrito. Ele mesmo chegou a viajar para vender as suas painéis de pedra em um caminhão. Mas não ia só. Consigo levava Dona Nazinha e os seus três primeiros filhos.

Não foi apenas a paixão pelas tropas que Mário herdou dos seus antepassados, mas também a profissão de paineleiro, nome popular dado àqueles que fazem painéis de pedra no distrito, com quem aprendeu a fazer o artesanato. Assim como em sua família, o modo de fazer as painéis de pedra é passado de geração a geração entre os cachoeirenses. “A painel de pedra em Cachoeira do Brumado é uma tradição que nós temos desde o começo. Foi do meu avô, do meu pai, enfim, de todos os meus parentes; todo mundo mexeu com painel. Nós não sabemos quando começou e estamos dando continuidade até o momento”, contou ao telejornal *Inconfidentes*, em 2012⁹. Igual aos seus antepassados, Mário também passou o conhecimento para os seus filhos, que mantêm uma pequena fábrica e lojas de artesanato no distrito.

As painéis de pedra, assim como as tropas, marcaram a trajetória de Mário. Eram as painéis que, mais do que uma fonte de renda, davam um sabor único à sua vida. Foi para celebrar o nosso artesanato, divulgar o trabalho dos nossos artesãos e lembrar a importância das painéis de pedra para diversas famílias cachoeirenses que criou, em 2005, a Festa da Painel de Pedra.

Mário não só a idealizou, mas era a cara da festa. Em cada detalhe, em cada apresentação artística, você percebia que tinha “a mão” dele ali: seja na dança do Congado ou nas ocasiões em que contava *causos* sobre o distrito, o nosso artesanato e as tropas. Por esse motivo, na 13ª edição da Festa da Painel, realizada em julho de 2018, uma nostalgia marcou a abertura da festividade: aquela seria a primeira vez que Mário Ramos

⁹ TELEJORNAL INCONFIDENTES. *Painel de pedra, Cachoeira do Brumado*. 2012 (1m 31s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7OpJXLTfZ70&list=LL0xf884SZrlfSsO42cJD18w&index=7&list=3s>>. Acesso em: 3. set. 2018.

Eleutério não estaria entre o público celebrando. Mas isso não significou que não estivesse ali conosco; a sua memória estava presente nas homenagens que recebeu.

As mãos habilidosas de Mário tinham o dom de transformar tudo em arte e beleza. Com todo o seu talento, além da pedra-sabão, o couro de boi e o bambu também se tornavam artesanato. “A gente tem, assim, uma certa habilidade no artesanato de couro, porque a gente aprendeu aqui com os mais velhos, né? [...] Aqui era um lugar que tinha muitos animais e era o forte da época. Então, nessa época eu procurei, eu era menino, e comecei a aprender com eles; e aprendi a fazer quase de tudo com o couro”, contou, em 2014, ao programa *Triângulo das Geraes*¹⁰. E não pense que a arte da selaria foi uma escolha por acaso na vida de Mário, porque não foi. Trabalhar com o couro estava também relacionado com outra paixão da sua vida: as tropas.

“O meu pai era tropeiro. Então, era o trabalho! Afinal de contas, 80% do nosso arraial era tudo tropa. [...] E os tropeiros chamavam os seleiros pras casas, assim, pra fazer os serviços. Fazer as cangalhas, fazer arreio, fazer bolsa, fazer a bruaca... fazer aquele equipamento que o tropeiro usava pra suas viagens”, recordou no mesmo programa. Além dos trabalhos feitos com o couro, balaies, lustres, lixeiras e cestos de bambu ganhavam forma pelas mãos de Mário, que, mesmo após aposentado, continuava a fazer as suas peças para “passar o tempo”.

“Calçado, hoje, já não faço mais. Mas se depender de fazer uma sandália, uma coisa assim eu faço. Já fiz muito! [...] Se depender de fazer, ainda faço. O que a gente sabe, nunca esquece! Hoje, a gente continua fazendo essas coisas é pra não perder aquela tradição e também [porque] no nosso arraial não tem mais um seleiro. [...] Hoje, as coisas mudaram! Antigamente, a gente usava as tropas pra transporte... O transporte era, enfim, tudo no lombo do burro pra todo lado; de tudo que você fosse fazer dependia do animal. Hoje, a coisa mudou! Hoje, já dependo do animal é pras cavalgadas, pros passeios; hoje, já usa é pro lazer! Já não é mais pro

¹⁰ TRIÂNGULO DAS GERAES. *A arte da selaria*. 2014 (12m59s). Disponível em: <<http://triangulo-dasgeraes.com.br/a-arte-das-selarias/>>, Acesso em: 12. mai. 2019.

trabalho! Mas, de toda maneira, tá recordando o passado”, lembrou no episódio do *Triângulo das Geraes* que participou.

Mesmo que seja reconhecido por muitos feitos, que tenha sido muitos homens em um só, ser tropeiro foi o que mais marcou a trajetória de Mário, não só por causa da sua relação com as tropas e os momentos especiais que nelas vivenciou, mas também pelo seu medo de não ser lembrado. Para não ser esquecido e não se esquecer daqueles com quem um dia conviveu, idealizou o Memorial dos Tropeiros Antônio Pedro Eleutério para homenagear os homens valentes do distrito. “Ele tinha uma paixão muito grande pelas tropas, pelos tropeiros, tanto que até fez o Memorial dos Tropeiros. Juntou peças, anos e anos, pra inaugurar o memorial. Acho que foi o que mais marcou para ele, foi isso”, reflete sua filha Juracy Bezerra Eleutério Machado.

Quem vê a simplicidade da construção de pau a pique, localizada ao lado da casa onde morou, não imagina as ricas histórias que ela abriga. O espaço, que leva o nome do avô de Mário, foi inaugurado em novembro de 2014, após oito anos de pesquisa e curadoria das peças. Além de fotos dos ex-tropeiros e paneleiros de Cachoeira do Brumado, o Memorial tem também expostos objetos como balaios, painéis de pedra-sabão antigas, capas de couro, selas para animais, entre outros itens que faziam parte da vida nas tropas.

Talvez o local seja a forma que Mário encontrou para materializar as suas lembranças e histórias, para que não se perdessem com o tempo. Talvez fosse a sua forma de manifestar e lutar contra seu medo. “O memorial, que foi uma coisa que ele [se] empenhou tanto para fazer, numa tentativa de não deixar as pessoas esquecerem; de fazer com que as pessoas [se] lembrassem dele e de todo mundo que passou por ele, como o avô e o pai dele”, confidencia Kelly.

Quando criou o Memorial dos Tropeiros, Mário quis honrar a memória dos seus companheiros das tropas. Hoje, tem um novo significado: é também uma lembrança de que ele esteve por aqui e criou suas raízes. Por isso, em 2018, um pouco mais de um ano depois da sua morte, ainda era muito doloroso para a sua família abrir o espaço e dar continuidade

ao projeto. “Depois que ele se foi eu entrei lá umas duas vezes. Eu tenho até que entrar lá porque nós vamos fazer, se Deus quiser, só tô esperando forças, um anexo dele; o anexo de pai. Ele fez das coisas que ele conhecia e nós vamos fazer dele [...]. Só que, por enquanto, tá meio pesado, sabe, de mexer”, revelou Juracy à época.

Não foi apenas no Memorial que Mário saudou a vida nas tropas. Com o objetivo de lembrar os costumes desses homens, criou, em 2006, a Cavalgada Marcha dos Tropeiros. Ao som das marchas dos cavalos, Mário tomava algumas das mesmas estradas que seguia com as tropas. Nas cavalgadas, não faltavam música boa, churrasco, cerveja e cachaça. Era ali, entre filhos, netos e amigos, que Mário revivia um pedaço importante de si; aquele era o seu jeito de transmitir a paixão pelas tropas à sua família. E é ali que, ainda hoje, a memória de Mário também é celebrada. Porque Mário Ramos Eleutério se foi, mas o nome dele ficou.

Imagem 8 – Mário, seu neto Rafael e alguns amigos reunidos
no torno da sua família, no fim da década de 1990



Crédito: Arquivo pessoal de Juracy Bezerra Eleutério Machado.

Imagem 9 – Mário e seu irmão, Antônio, no Memorial dos Tropeiros, fazendo uma sela



Crédito: Arquivo pessoal de Juracy Bezerra Eleutério Machado.

Imagem 10 – Mário com amigos em frente ao Memorial dos Tropeiros, idealizado por ele



Crédito: Arquivo pessoal de Juracy Bezerra Eleutério Machado.

O tropeiro que vai, o legado que fica

Setembro de 2017. A primavera se aproximava, trazendo flores, cores, recomeços e (re)nascimentos. Junto com o encerrar do inverno, ciclos também terminaram para mim e para Mário. Enquanto para mim marcava que em breve terminaria a graduação em Jornalismo e começava a me dedicar a este projeto, para Mário significava a partida do intenso e belo ciclo que é o viver.

Curiosamente, naquela época, ainda não havia definido quais seriam os meus personagens nem que abordaria apenas as histórias dos artesãos cachoeirenses, mas sabia que sô Mário seria, com certeza, um dos perfilados do meu livro. É que, assim como muitos moradores locais, via nele uma figura de referência no distrito. Como a sua neta Kelly me disse, “um norte”.

No entanto, o que nunca havia imaginado é que, quando iniciaria o processo de produção deste livro, Mário já não estaria mais entre nós para contar a sua história; que já não estaria mais aqui para compartilhar o que sabia sobre Cachoeira do Brumado, do nosso povo, dos nossos artesanatos e das nossas tradições — especialmente, sobre os tropeiros de que ele sempre fazia questão de lembrar. Foi aí que pensei sobre o quão efêmera é a nossa vida e como é urgente a questão de registrar as histórias que os filhos de Cachoeira do Brumado guardam sobre a nossa comunidade.

Mário Ramos Eleutério foi um “homem bão” e corajoso, mas isso não significava que ele também não tivesse seus medos. Em conversa com Kelly, ela me disse que acredita que o avô tivesse medo de ser esquecido, já que tinha uma preocupação sobre se e como seria lembrado após a sua morte. E, por mais que alguém considere essa informação como banal em um primeiro momento, ela não é. O seu medo pelo esquecimento é o que lhe dava energias para resgatar e manter as memórias daquilo (e daqueles) que conhecia. Por isso, idealizou o Memorial dos Tropeiros Antônio Pedro Eleutério, inaugurado em 2014, porque a memória importava para ele. Ser lembrado era o que ele queria.

Quando descobri esse aspecto da personalidade de Mário, fiquei pensando em como seria se ele estivesse hoje aqui e acompanhasse o processo de produção do meu livro, mas, infelizmente, não tive tempo de comentar com ele sobre o meu projeto nem que gostaria de escrever um perfil dele. Entretanto, acredito que, se ainda estivesse vivo, Mário ficaria feliz com o meu projeto e se colocaria à disposição para ajudar.

Provavelmente, conversaríamos em sua casa, tomaríamos um café e depois iríamos ao Memorial dos Tropeiros para ver as fotos e objetos desses homens valentes do distrito. Talvez me contaria algum caso que soubesse do meu avô paterno, Pedro Cecílio Gonçalves, ou simplesmente Pedro Gavião, que também foi tropeiro, quando víssemos a sua foto ali exposta; talvez leríamos juntos o texto que escrevi, em 2010, a partir das suas “aventuras de tropeiro”, que faz parte da mostra de objetos no local.

Na época, eu era aluna do 8º ano e a minha turma participava das Olimpíadas de Língua Portuguesa, que, para aquele ano, tinha como proposta que cada aluno escrevesse um texto narrando alguma memória do lugar onde nós vivíamos. A convite da nossa professora de Língua Portuguesa e sua nora, Juraci Arlinda Borges Eleutério, sô Mário foi à nossa sala de aula e falou sobre as suas recordações de tropeiro e de como colocou a primeira linha de ônibus Cachoeira do Brumado/Mariana. Apesar de isso não estar relacionado diretamente com a produção deste perfil, essa é a memória mais marcante que tenho dele e que me acompanhou durante a escrita. Se hoje não pude conversar com Mário, fico feliz por ter tido essa oportunidade no passado e que me ajudou.

Escrever sobre o “homem bão” de Cachoeira do Brumado para mim representou também um desafio: como resumir em alguns caracteres a história de um homem que foi vários? Qual seria a faceta que eu mostraria de um homem que foi pai, artesão, tropeiro, padeiro, comerciante, açougueiro, sapateiro, seleiro, vendedor, vereador e mais um tanto de coisas? Qual é a história de Mário que quero contar? Foi aí que passei a refletir sobre a frase que ele disse em um vídeo que a sua filha, Juracy Bezerra Eleutério Machado, compartilhou comigo em uma das nossas conversas. A frase era: “o homem vai, mas o nome dele fica”; uma frase forte com

um desejo sedento implícito. Por isso, foi por ela que decidi começar a narrativa do seu perfil.

A partir do simbolismo dessa frase, pensei em começar o meu texto pelo falecimento de Mário. Não porque ele significa o fim, mas pelo peso que representa a morte para quem tem medo de ser esquecido. Alguns dias após iniciar o rascunho do perfil partindo dessa ideia, fui conversar com Kelly. Como parte da rotina jornalística, além de gravador e do bloquinho de anotação, levei a minha pauta da entrevista com algumas perguntas e assuntos que queria abordar.

Lembro-me de que fui para a conversa apreensiva, mas, chegando lá, percebi que não havia com o que me preocupar. Após tomarmos café, que também foi acompanhado por sua avó Dona Nazinha, quem fez a primeira pergunta não fui eu, mas, sim, ela. Queria saber mais sobre o meu projeto, o que me motivava etc. Ainda, por ser historiadora, Kelly também comentou sobre alguns autores que estudam sobre a memória e me indicou algumas leituras.

Entre os assuntos que pretendia abordar na nossa conversa, estava o falecimento de Mário e o velório, já que havia começado a escrever o perfil a partir daí. Por se tratar de um tema muito delicado, fiquei pensando em como poderia tocar no assunto sem ser invasiva ou indelicada. Entretanto, para a minha surpresa, sem eu precisar perguntar, foi pela perda do seu avô que Kelly conduziu a nossa conversa. Mais do que isso: foi exatamente pela morte que ela sugeriu que eu iniciasse o meu texto — da mesma forma que ela havia feito nos agradecimentos da sua tese de doutorado.

Se antes já pensava em seguir por esse caminho, após a nossa conversa tive certeza e segurança para continuar a escrever o perfil iniciando pelo falecimento. Enquanto narrava sobre a morte do seu avô, percebi a dor que a falta ainda causava nela e em seus familiares. E, naquele instante, por também estar passando pelo momento do luto e da perda, já que a minha avó materna, Maria Antunes de Carvalho, mais conhecida como Dona Cocota, tinha falecido havia dois meses quando conversamos, em setembro de 2018, senti-me próxima a ela. Ali, entre xícaras de café e histórias, dois laços em comum nos uniam: a vivência do luto após perder

alguém que se ama muito e o desejo de que Mário e o seu legado não fossem esquecidos.

Não foi apenas segurança ao escrever sobre o seu avô que Kelly me transmitiu durante o nosso encontro, mas também a sensação de que o meu trabalho é importante, uma vez que, para ela, as pessoas nunca se esquecerão dele, entre outras coisas, por causa do meu livro. Nas suas palavras: “Eu acho que ele tinha medo que as pessoas esquecessem dele. Mas, as pessoas nunca vão esquecer dele. Por causa, justamente, de trabalhos como esse seu: que vai contar a história, que vai deixar registrado; porque a gente também pode morrer, mas essa memória vai ficar registrada”.

Ao fim, após uma hora de conversa, não fiz nenhuma das perguntas que pretendia, mas, com certeza, obtive informações mais ricas do que se tivesse apenas seguido o meu roteiro de entrevista. Porque não estávamos ali apenas em um momento formal de uma entrevista, mas numa partilha de histórias, memórias e sentimentos. Sem dúvida alguma, foram o nosso encontro e o olhar de Kelly sobre o seu avô que me guiaram durante a minha escrita.

Apesar de não estar mais fisicamente entre nós, Mário ainda se faz presente no cotidiano cachoeirense: seja por meio dos seus legados, das memórias dos seus familiares ou nas homenagens que ainda recebe. Observar todas essas situações foram essenciais para que eu me aproximasse de quem ele foi e de como eu o retrataria em meu texto. Entre essas ocasiões, uma em especial, me marcou profundamente.

Estava no ônibus de Cachoeira do Brumado, indo para Mariana, quando escutei dois senhores próximo a mim falando sobre as tropas e como eram a rotina e os costumes dos tropeiros. Por um tempo prestei atenção no que eles estavam dizendo e fiquei imaginando como era também simbólica aquela situação e como, indiretamente, Mário estava presente ali. Afinal, eram dois homens que, assim como ele, foram tropeiros, falando sobre a saudades que sentiam daquela época, em uma linha de ônibus que foi criada por sô Mário.

Ali era uma representação de que a vida nas tropas era uma experiência compartilhada, um sentimento que era despertado em diversas

peessoas. Mais do que isso, aquela poderia ter sido uma conversa entre aqueles senhores e o próprio Mário. Enquanto observava os dois senhores, comecei a fazer algumas anotações no meu celular, e, de repente, percebi que havia escrito um poema sobre aquela conversa.

Saudades das tropas

a conversa no ônibus revela:
tenho saudades das tropas.
daquele tempo
em que os carros quase não existiam
e que um por vez passava na estrada.
você se lembra de como era?
cada um tinha as suas bandas para viajar
e com as tropas íamos para longe
o nome de Cachoeira do Brumado levar.
nos balaíos tínhamos de tudo:
panelas de pedra e baixeiros
toucinho de barriga e feijão
farinha de mandioca e rapadura
e também a saudade que não cabia no coração.
naquele tempo, não tinha telefone
e com a família a gente não falava
se o meu menino ficasse doente
ou se a minha Dona Maria desse à luz
a gente só ia saber no dia que voltasse pra casa.
mas quando a gente avistava
a nossa terra querida
era uma emoção tão grande
que os olhos
transbordavam de alegria.

Thalia Gonçalves

Cachoeira do Brumado, 14 de fevereiro de 2019

CAPÍTULO 5

GERALDO JOSÉ TEIXEIRA



Gegê Barbudo em seu torno com a panela de pedra-sabão que havia acabado de fazer.
Crédito: Thalia Gonçalves.

A MEMÓRIA QUE SOBREVIVE EM UM ARTESÃO

“Pra nós, em Cachoeira, o artesanato representa, pra mim, tudo! [...] Se a pessoa sai, tá fazendo a panela, que [é] parte do artesanato, ele vendeu ela, ele pode comprar o que ele quer. Muitos em cima da panela, em Cachoeira, têm a sua casinha, seu carrinho, sua moto, sua bicicleta, entendeu? Tem um dinheirinho guardado, reservado. Então, o artesanato é muito comunicativo para nós em Cachoeira; pra mim é! Em tudo! Em todo sentido o artesanato tá aí. [...] É uma coisa que Deus deu para nós!”.

Geraldo José Teixeira

Geraldo José Teixeira. Guarde bem esse nome, porque talvez você não o ouvirá novamente — não dessa forma. Por mais que seus pais, José Teixeira Sobrinho e Adelina dos Reis, tenham lhe dado o nome de Geraldo, quando nasceu, em 10 de maio de 1951, para mim e várias outras pessoas, ele é o Gegê. Ou melhor, Gegê Barbudo. “Toda parte do mundo é Gegê Barbudo. O meu nome mesmo, que nem cê acabou de escrever aí, agora, quase ninguém sabe. De Cachoeira aqui, quase ninguém!”, explica sobre o apelido, que ganhou por manter a sua barba há mais de 30 anos.

No entanto, não é porque ele é mais conhecido pelo seu apelido que devemos guardar o seu nome, mas, sim, porque Gegê é, atualmente, aos seus 71 anos, o paneleiro — nome popular dado àqueles que fazem panelas de pedra no distrito — mais idoso ainda em atividade em Cachoeira do Brumado. “Pra mim é muito bom porque o artesanato em Cachoeira é a nossa vida! E eu tô no meio deles, né? E sou quase um dos cabeças, né? Porque, dos antigos que mexem com a panela, só eu. Pra fazer do princípio ao fim. Agora, pra tornear, tem muito, né? Mas que fazem mesmo são poucos”, conta. E se você achar que isso não é motivo suficiente,

dou mais um: ele é o único que ainda faz as panelas de pedra-sabão, no distrito marianense, de forma mais tradicional.

Cachoeirense nascido e criado, foi ainda criança que Gegê aprendeu a fazer panelas. Ele tinha apenas sete anos quando um dos seus tios, chamado Tavico, lhe ensinou a arte de transformar a pedra-sabão em panelas que, mais do que utilizadas para preparar e servir comidas quentes e deliciosas, eram e são fonte de renda para diversas famílias cachoeirenses, como a sua.

“Eu comecei a trabalhar tinha sete ano. [Fazendo o quê?] Ah, o artesanato, mexendo com roça... Eu plantava as roças, né?”, lembra. Apesar disso e das situações difíceis, Gegê não tem arrependimentos nem reclamações daquela fase de sua vida. Pelo contrário: tem no olhar saudades ao lembrar de tudo que um dia viveu, como as brincadeiras de rua, os amigos de infância e da vida no distrito. “A infância minha foi muito... bacana! Eu gostei! Antigamente, tinha aquele negócio de jogar birosca, né? Fazer aqueles carrinhos! A gente punha lá no alto da Barreira [como é conhecida a Rua Santa Cruz, no distrito] e a gente descia em alta velocidade. Antigamente era estrada tudo de terra, não era calçada. [...]. E passava carvão naquilo [nas rodas] pra cantar, né? Na hora que tava descendo. Oh, menina, [era] até bonito!”, recorda Gegê, comentando também sobre a liberdade que sentia naquele tempo, quando havia poucas casas e poucos carros em Cachoeira. “Era uma vida boa naquela época!”, enfatiza.

Assim como ele, que aprendeu com seu tio a arte de confeccionar as panelas de pedra, esse ofício tem passado de geração a geração entre as famílias cachoeirenses há mais de 250 anos. Daquela época para agora, muita coisa mudou. Os utensílios que antes eram feitos totalmente à mão, usando apenas uma machadinha, passaram a ser fabricados em tornos movidos a água, com energia obtida por meio das rodas de moinhos. Hoje, esses tornos foram substituídos, praticamente em sua totalidade, por outros que utilizam energia elétrica. Até mesmo o modelo dos utensílios mudou! As panelas, que antes tinham uma forma quase oval, hoje são arredondadas. E mais: no passado, as panelas não tinham alças; hoje,

muitos artesãos colocam alças de madeira e cobre em suas panelas para facilitar na hora manusear o produto enquanto estiverem utilizando.

Desde os seus sete anos, já são 64 anos que Gegê modela e tem a sua vida modelada pelo trabalho com a pedra-sabão — com pequenas interrupções dos poucos meses em que morou nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, na década de 1970, em busca de outras oportunidades de emprego. Mas não teve jeito! O seu lar era Cachoeira do Brumado e, quando a saudade apertou, voltou para casa. Foi aqui que Gegê construiu, ao lado da sua esposa, Ana Lúcia Silvia Teixeira, uma família de quatro filhos e três netos. É aqui que, a partir das suas panelas, representa a memória e a tradição do que um dia foi o nosso artesanato; e é na história daqui que ele quer ficar.

“Ficar na história é... um modo de dizer. Eu ainda quero fazer uma panela pra ficar pra história. Essa vai ficar! Eu vou fazer uma panela na base de uns 300 litros pra cima. Eu vou fazer ela toda na mão e ela vai ficar! Essa vai ficar! Eu não quero morrer enquanto não fizer essa panela! Eu posso levar um ano pra frente, dois anos, mas que eu vou fazer ela, eu vou! [...] Eu quero que os outros falem: ‘essa aqui é uma panela do Gegê!’. [...] Mas essa [panela] é o pensamento meu que tá mais velho, né? Isso aí fica pra história! ‘Esse é o Gegê que já foi há bem tempo... Aí, ó, o que ficou dele pra trás!’. Eu largo! Eu deixo! Se Deus quiser! [...] Que nem Aleijadinho! Aleijadinho não se foi e deixou um monte de lembrança pra trás? Eu vou deixar!”, revela Gegê, cheio de si, sobre o seu desejo de ser lembrado na história cachoeirense, sonho que alimenta há algum tempo, pelo menos desde 2016, quando me disse isso pela primeira vez.

Para deixar a sua marca registrada no distrito marianense, quer fazer a maior e a mais bonita panela de pedra de Cachoeira do Brumado. Para isso, vai fazê-la totalmente à mão, da mesma forma que os primeiros utensílios eram feitos. “A minha panela é trabalhada na lavanca: redondada primeiro, depois bloqueada por dentro; [e depois coloco] pra cima do torno, entendeu? Mas essa não! Essa eu vou fazer toda só na mão. Toda trabalhada só na mão! E nem usar compasso eu não vou, não! Vou fazer tudo ‘nas vistas’, onde tá torto, onde não tá. Trabalho bonito... E eu vou

fazer!”, garante, independentemente do tempo que ainda possa demorar ou levar para confeccioná-la.

Até 2019, o seu sonho ainda não tinha saído do papel, ou melhor, da pedra-sabão, porque, segundo ele, não havia encontrado o bloco de rocha que estivesse “de acordo”, com as qualidades desejadas. Mas já naquela época, garantia que, encontrando a pedra, mãos à obra! Curiosos para ver e acompanhar esse processo não faltam! Tanto que tem até quem já se ofereceu para registrar todo o processo de produção em um documentário. Mas apenas isso não basta para o artesão. Gegê almeja mais: depois de pronta, pretende vendê-la para a Prefeitura Municipal de Mariana, a fim de deixá-la exposta na cidade, ou até mesmo, quem sabe, em alguma galeria ou centro de arte da capital mineira.

Contudo, essa não seria a primeira vez em que o artesão faria uma panela grande. Ainda no início dos anos 2000, ele fez a sua primeira panela do tipo, com 108 litros, e que foi toda torneada. “Essa entrou pra história; bateu recorde! Porque torneiro nenhum fez! Conta de um até 108 procê vê! Cabia cê dentro da panela!”, conta. No entanto, independentemente de conseguir ou não fazer a sua tão sonhada panela, Gegê e o seu local de trabalho já são importantes para a história atual da nossa comunidade. É por essa razão que devemos guardar o seu nome.

O seu torno, nome que também é utilizado para se referir ao seu local de trabalho, é simples. Cercado por árvores, lá não há paredes ou móveis; apenas um telhado sustentado por madeiras e, em algumas partes, lonas para lhe proteger da chuva e do sol. No chão, no lugar da cerâmica, há muito pó, blocos de pedra-sabão, resíduos da rocha, painéis e algumas ferramentas, como alavancas, lixas, macetes, cordas e pás. No entanto, por trás de toda a simplicidade do lugar, há uma preciosidade para a história e a tradição cachoeirenses: é o único, no distrito, que ainda é movido a água.

Indo na contramão dos outros artesãos locais, que substituíram os seus tornos movidos a água pelos elétricos, Gegê mantém o seu há mais de 20 anos. Entretanto, o espaço é bem mais velho do que isso, pois, antes dele, outros artesãos trabalharam no local em quase cem anos de sua existência. Nesse tempo, incontáveis painéis foram feitos e vendidos de

diversas formas: seja pelos tropeiros, por pessoas que viajaram em trens, ônibus e carros ou aos turistas.

Por isso, Gegê atribui muita importância ao seu torno, além de considerar uma forma de contribuir para preservar e valorizar parte da história da nossa comunidade. “O dono é antigo! É tudo antigo! [...] É uma coisa antiga, né? É uma coisa que eu não quero tirar! Um antigo acompanha outro antigo, né? [...] Não adianta ser antigo e querer uma coisa nova”, me disse, ainda em 2016, em uma das vezes que estive no lugar.

Entre uma conversa e outra, a sua voz marcante era por vezes abafada pelos sons que ali se misturavam: o cair das águas do rio Brumado, o canto dos pássaros, o balançar das árvores, a alavanca em atrito com a pedra-sabão, a água batendo na roda do moinho e, é claro, o girar do torno. Todos esses sons se unem para formar uma única melodia, enquanto Gegê faz mais uma das suas panelas. Porque é bem pertinho da nossa cachoeira que a pedra-sabão ganha forma pelas suas mãos e deu forma e sustento à vida de Gegê e da sua família.

“Era muito torno a água que tinha aqui em Cachoeira, boba! Era uma montoeira! A gente tinha um negócio de uns 30 a 40 tornos aqui em Cachoeira movidos a água. [...] Lá no meu tinha quatro tornos e agora só resta o meu. Três saíram fora!”, lembra Gegê sobre a época em que tornos iguais ao seu faziam parte do cotidiano cachoeirense. Por saber que o seu torno representa a memória de algo que poderá se perder em um futuro próximo, Gegê é enfático: “o torno a água, não tiro ele não! Enquanto eu existir ele fica! Não posso tirar ele não. Não tem outro, ué! Começa a podreecer umas tábuas e tal, ponho outras novas. Chega turista lá, como é que vou fazer?”.

Além de ser o seu local de trabalho, o torno de Gegê é também o seu lar. Sem cerimônia, descalço e sempre usando um boné, é como se ele estivesse em casa. Descontraído, enquanto arredonda o bloco de pedra utilizando uma alavanca, a prosa é garantida. Já arredondado, é colocado no torno, onde gira, gira, gira, gira... Enquanto isso, com o auxílio da alavanca, o artesão, aos poucos, dá forma à rocha. Primeiro, é lapidada toda a parte externa da pedra; em seguida, a interna. Depois de torneada,

a panela é lixada para retirar os excessos da rocha. Um trabalho minucioso que é feito com muita atenção. Nas suas palavras, “sem inveja ou maldade”. “É o trabalho mais precioso, né? Porque é um trabalho na lavanca, né? Você não pode correr; cê tem que ter todo o capricho procê trabalhar. Cê tem que fazer com todo o carinho... Se eu tô na profissão, tenho que fazer aquilo com carinho, né?”, afirma.

Tudo isso é feito em um pouco mais de quinze minutos. Nesse mesmo tempo, outro artesão cachoeirense que trabalha com um torno movido a eletricidade, fez, no mínimo, duas panelas. “O torno elétrico é mais rápido, né? O movido a água é mais lento, né?”, reconhece. Além de ser mais veloz, o torno elétrico produz maior quantidade de poeira se comparado ao movido a água.

Terminada, a panela já está pronta para ser vendida e, depois de curada (untando a panela com gordura de porco ou óleo e deixando-a exposta ao sol por três dias), ir ao fogão (de preferência a lenha) para preparar uma típica comida mineira, com o sabor único que só ela proporciona. Quando questionado sobre a panela de pedra-sabão de Cachoeira do Brumado ser a que faz comida boa, ele garante: “uma alimentação feita na panela de pedra é a melhor coisa que existe!”. Só quem já saboreou entende e concorda com o artesão.

Gegê tem um corpo franzino que já revela os sinais de fraqueza causados pela idade. Os cabelos e a barba brancos, as marcas de expressão e do cansaço ficam apagados com o brilho que tem nos olhos. Opondo-se à dureza da rocha com que trabalha, Gegê revela-se uma pessoa simples, prestativa e de sorriso fácil, o que sempre acompanha as nossas conversas — e olha que foram muitas as vezes em que lhe procurei.

Gegê já não é mais tão jovem, não tem mais a força e a velocidade da criança que um dia foi, mas, como a pedra que lapida, é resistente às dores e às dificuldades que vêm chegando junto à velhice. Nada disso impede que ele continue a fazer suas panelas, pelo contrário: todos os dias, enquanto muitos cachoeirenses ainda estão dormindo, Gegê sai de casa e inicia às 5h30 a sua rotina de trabalho, faça chuva ou faça sol. E sempre foi assim! Tanto que, quando não havia energia elétrica no local,

ele usava velas para iluminar o espaço até que o dia amanhecesse. Mas reconhece que já não tem mais a mesma capacidade de produzir o seu artesanato igual a antigamente: “ontem eu fazia muita; já hoje não faço mais. Ontem, que foi o passado, que eu era mais novo, eu fazia a base de umas 30 a 40 painéis por dia; hoje, [se] eu fazer umas oito ou dez, eu tô agradecendo a Deus! Eu tô alegre demais!”.

É na singela alegria de ainda conseguir fazer suas painéis e na gratidão por tudo que o artesanato já lhe proporcionou (e continua a proporcionar) que Gegê permanece “na ativa”. “Por que eu continuo? Porque eu gosto! Eu gosto de fazer minha painela. Eu faço a minha painela por amor que eu tenho. É uma profissão que hoje cê tá sem dinheiro, amanhã cê tem dinheiro. Cê tem a painela torneada, cê tem o dinheiro no bolso — achando um freguês bom, né?”, comenta. Em seus mais de 60 anos como artesão, Gegê garante que nunca ficou sem vender seu artesanato. Por essa razão, para ele, o artesanato do nosso distrito é importante, pois, mais do que fonte de renda, proporciona beleza e bênçãos. Eu acrescentaria também afetos.

“Pra nós, em Cachoeira, o artesanato representa, pra mim, tudo! [...] Se a pessoa sai, tá fazendo a painela, que [é] parte do artesanato, ele vendeu ela, ele pode comprar o que ele quer. Muitos em cima da painela, em Cachoeira, têm a sua casinha, seu carrinho, sua moto, sua bicicleta, entendeu? Tem um dinheirinho guardado, reservado. Então, o artesanato é muito comunicativo para nós em Cachoeira; pra mim é! Em tudo! Em todo sentido o artesanato tá aí. [...] É uma coisa que Deus deu para nós! [...] Pra mim é, tanto faz a painela, quanto o tapete, né? A escultura de madeira... Cê vê que sempre tá descendo gente pra cá. [...] Mas não é igual era antigamente. Antigamente, era turista quase o dia inteiro. Vinha ônibus lotado pra cá. Meu torno mesmo ficava lotado! [...] Às vezes nem chegava terminar a painela, pra tirar aquele umbigo de dentro, e já tava chegando e levando embora. Então, pra mim, na minha cabeça, o artesanato representa muita coisa em Cachoeira”, opina o artesão sobre a nossa forma de ver, fazer e sobreviver a partir da arte.

Por todas essas razões, Gegê é memória! Memória que vive, é humana, tem nome e sobrenome, faz panela de pedra-sabão e tem vontade de deixar a sua marca pelo mundo — ou, ao menos, em Cachoeira do Brumado. O seu torno e o seu jeito de fazer as panelas são, hoje, lembranças de como o nosso artesanato era feito até o fim da década de 1990. Mais do que isso, representam algo que poderá se perder um dia. Seja porque a idade e o cansaço não permitirão continuar a trabalhar ou porque o seu torno já não lhe pertencerá mais. Ou, na mais triste das hipóteses, o seu falecimento. Mas, enquanto isso, Gegê e o seu torno resistem. Resistem ao tempo, à pressa e (por que não?) às demandas de produção que o torno movido a eletricidade representa. Resistem à exaustão da vida e do trabalho. Resistem (e existem) para encantar e dar sabor à nossa Cachoeira.

Imagem 11 – Gegê explicando para uma professora de São Paulo como o bloco de pedra-sabão é preparado para ser levado ao torno, em sua antiga casa, antes de comprar o próprio torno



Crédito: Arquivo pessoal de Geraldo José Teixeira.

Imagem 12 – Gegê em seu torno, em 1995



Legenda: Ao fundo, é possível ver a roda de moinho que gera energia a partir da água.
Crédito: Arquivo pessoal de Geraldo José Teixeira.

Imagem 13 – Gegê esculpindo a parte interna de uma
panela com auxílio de uma alavanca



Crédito: Thalia Gonçalves.

Lapidar panelas, lapidar sonhos

Conheço Gegê há muito tempo. Para falar a verdade, desde criança. Não me lembro de quando nem de quantos anos tinha na primeira vez que o vi ou conversei com ele, mas entre as minhas memórias de infância estão as vezes em que fui ao seu torno com o meu pai buscar panelas. E, naquele tempo, o seu local de trabalho era sinônimo de diversão para mim e para minha irmã.

Enquanto os homens negociavam e carregavam as panelas para o carro, os montes de pó de pedra-sabão transformavam-se em escorregadores para nós. E a gente fazia a festa! Saíamos de lá com as nossas roupas sujas e com pó até na cabeça — isso quando não as rasgávamos. Claro, quem não gostava muito disso era a minha mãe, que depois tinha o maior trabalho para lavar tudo. Mas era bom e a gente se divertia demais!

Os anos foram passando e eu fui crescendo. Já não vou mais com o meu pai buscar panelas (com raras exceções), muito menos brinco no pó, mas, vira e mexe, ainda vou ao torno de Gegê. Hoje, já não é mais sinônimo de diversão, mas, na maioria das vezes, de trabalho. Seja para uma conversa sobre as panelas de pedra ou para mostrar a alguns amigos como esse artesanato é feito, ele sempre me recebeu com um sorriso no rosto e simpatia no olhar. Acima de tudo, com paciência ao me ouvir e responder às minhas perguntas ou com o meu jeito atrapalhado para fotografar. Independentemente de qual motivo fosse, para ele, nunca teve tempo ruim, não! Fizesse chuva ou sol, em uma quarta-feira ou um sábado, ele sempre esteve disposto a ajudar.

É assim desde 2016, quando escrevi um primeiro perfil sobre ele. Apesar de ser o mesmo personagem e a mesma história, desde o primeiro texto até o que compõe este livro, algumas coisas mudaram. Nós estamos mais velhos e experientes — eu, principalmente, em relação à escrita de perfis, já que aquele foi um dos primeiros que escrevi. Os cabelos e a barba de Gegê estão mais brancos. E a minha forma de olhar e contar a história de Gegê mudou. Já não me preocupo mais em chamá-lo por seu nome nem de tratá-lo por “senhor”. Não é que eu tenha deixado de

respeitá-lo ou admirá-lo, mas hoje eu entendo que, ao me referir a ele de maneira mais formal, além de nos distanciar, não estaria sendo honesta com ele, comigo e com você, leitor(a).

Foi por conhecê-lo desde a infância que eu sempre soube que Gegê seria um personagem do meu livro. Antes mesmo de definir a abordagem sobre o artesanato cachoeirense para o meu projeto, eu já tinha a certeza de escreveria novamente sobre ele, porque, para mim, Gegê é importante há muito tempo. Portanto, ele e Mário Ramos Eleutério, também perfilado neste livro, foram as exceções na hora de escolher quem eu perfilaria, pois não dependeram de indicações de outras pessoas.

Com o nome de Gegê definido, antes mesmo de iniciar definitivamente a produção deste livro, procurei-o para conversar, falar sobre o meu trabalho e perguntar se ele queria ser um dos meus perfilados. Lembro-me de que era um fim de tarde e ele estava na sua casa. Depois de me convidar para entrar e tomar café, entre um caso e outro, fiz o convite, e até hoje não me esqueço da sua reação. Sorrindo, a sua resposta foi simples, mas ao mesmo tempo calorosa: “com o maior prazer! É bom que entro pra história!”.

Na sua fala, que quase passou despercebida por mim, ele revela também um desejo: de ficar na história do distrito marianense e, assim como Mário, ser lembrado. Desejo que ele já havia manifestado lá em 2016, mas que eu ainda não tinha compreendido a complexidade e o que realmente significava. Naquele ano, em uma das conversas para o seu primeiro perfil feito por mim, Gegê havia falado sobre a vontade de fazer a maior panela de pedra-sabão de Cachoeira do Brumado, de 500 litros. Assim, ele deixaria a sua marca no distrito. Em junho de 2018, em uma das nossas conversas para esse perfil, Gegê confirmou, novamente, o desejo de fazer a maior panela do distrito, mas, agora, diminuiu a sua capacidade para 300 litros, no mínimo. Apesar da vontade, até hoje o seu sonho ainda não se tornou real.

No fim, Gegê e Mário revelaram ter mais coisas em comum do que eu poderia imaginar quando comecei a escrever este livro. Se antes eu achava que eram apenas as panelas de pedra que os ligavam, agora percebo que

eles também estão próximos pela ânsia de não serem esquecidos; de se imortalizarem de alguma forma para que, no futuro, as pessoas saibam quem foi Gegê e quem foi Mário.

É por sua vontade de ficar para a história, acredito eu, que Gegê me cobrou, no fim de 2018, sobre o meu trabalho. Na época, eu tinha feito uma pausa no processo de produção do meu livro devido a problemas pessoais. Em razão disso e de tantas questões que estavam me afligindo naquele momento, acabei não falando com os meus personagens e as minhas fontes sobre essa pausa que precisei fazer, o que, hoje, percebo e reconheço ter sido uma grande falha.

Por isso, certo dia, ao me encontrar na rua, Gegê me abordou e perguntou se eu tinha me esquecido dele, já que tinha “sumido” e não havia lhe procurado mais. Foi somente depois dessa cobrança que percebi o quanto estava errando com todas as pessoas que fazem (e são) parte deste projeto quando não as comuniquei da minha decisão. Só então, tardiamente, eu as procurei e expliquei tudo o que estava acontecendo.

Depois daquele dia, sumi e apareci por diversas vezes e, todas as vezes em que aparecia novamente, Gegê sempre me recebia muito bem. Eu nunca sumi definitivamente. Por mais que eu já não o procurasse muitas vezes para o meu livro, a gente se esbarrava pelas ruas de Cachoeira do Brumado, de Mariana e até mesmo na minha casa. Ou, então, estava em minha casa pensando em como lapidaria a sua história e quais dos múltiplos Gegês existentes eu mostraria às pessoas.

O que realmente pode um dia sumir é a panela de pedra. Isso porque a pedra-sabão é um bem natural finito e um dia acabará. Então, o que será das nossas panelas de pedra-sabão? O que será do nosso artesanato, que dá fama ao nosso distrito e sabor às nossas vidas? Apesar de essa questão ser, teoricamente, relegada ao futuro e de, muitas vezes, nós, cachoeirenses, não refletirmos sobre ela, há outras que são mais urgentes e que afetam o cotidiano dos paneleiros locais, principalmente em relação às dificuldades em se adquirir a matéria-prima.

Isso porque, segundo os artesãos, algumas empresas monopolizaram a extração e a comercialização da pedra, vendendo a eles apenas o que

resta e não serve para ser exportado. Por causa disso, nem toda a pedra-sabão adquirida, muitas vezes por valores altos, é de qualidade, fazendo com que ela não seja aproveitada em sua totalidade para fazer as panelas, fôrmas de pizza, churrasqueiras, *réchaud* e outros utensílios.

Por isso, diante de todas as modificações que o modo de fazer as panelas de pedra-sabão sofreu ao longo dos anos, é que falar sobre Gegê é importante. Porque, para ele, a memória importa. Tanto que, em uma das nossas conversas, ele me aconselhou: “vai guardando fotos de lá [torno]!”. Mais do que preservar por meio de suas lembranças e de sua comunidade, ele materializa a memória de mais de dois séculos de produção das panelas cachoeirenses.

Enquanto isso, Gegê vai lapidando panelas e sonhos. Paralelamente a tudo isso e à sua vontade de ficar na história do distrito, ele também (r) existe. Resiste às dores e ao cansaço que surgem junto com as suas vivências ao longo dos seus 71 anos, mas que de forma alguma lhe impedem de dar continuidade ao seu artesanato; à rapidez que o torno movido a eletricidade representa diante do seu movido a água, que é atualmente o único do tipo no distrito, e a sua forma mais tradicional de fazer as panelas de pedra-sabão. Resiste por meio da sua arte e dos desejos grandiosos que espera, a partir do seu artesanato, um dia conquistar.

POSFÁCIO

Arremate final

*“Por isso minha Cachoeira
é bela e tem privilégios
tem tapetes
tem panelas
escultura em madeira
flor de palha
flor de pano
flor de aroeira
além da queda d’água,
ponto turístico,
bela cachoeira
Minha terra é muito linda
tem artes
artes mil
que trafegam
viajam
espalham-se
pelo Brasil”.*

Juraci Arlinda Borges Eleutério

Fazer tapetes, panelas de pedra e esculturas de madeira exige tempo, paciência, dedicação, delicadeza e paixão. Contar as histórias dos artesãos que os fazem, também. É que, por vezes, escrever perfis assemelha-se ao processo de fazer artesanato. No lugar do sisal, da pedra-sabão e da ma-

deira, as matérias-primas para os perfis são as pessoas e as suas histórias; o gravador, a câmera fotográfica, o bloquinho de anotações e o computador são como o tear, as alavancas, as lixas e os formões; e os textos são as peças artesanais. Os textos são artes feitas com as palavras.

Se o artesanato tem a sua própria temporalidade — que nem sempre depende exclusivamente da vontade do artesão, mas também de fatores externos e/ou questões pessoais —, com o escrever acontece a mesma coisa. Se, para Caetano Veloso, o tempo é “um senhor tão bonito”, eu acrescento que é também de uma lógica tão incompreensível. E foi o tempo, o senhor dos destinos, que marcou e permeou todo o meu trabalho. O tempo de escuta; o tempo de investigação e apuração; o tempo para esculpir as informações obtidas; o tempo para mergulhar nas histórias de cada personagem. Mas, sobretudo, o tempo de escrita.

Quando iniciei efetivamente a produção deste livro, tinha em mente que o finalizaria em 2018, mas o que não compreendia é que nem tudo depende exclusivamente dos meus planos e vontades. E tudo bem ser assim, né? Do início até aqui foi uma caminhada longa e, por vezes, esgotante. Aos poucos, fui percebendo que já não havia mais forças para continuar e que terminar no tempo planejado seria impossível.

Isso porque pensar no meu trabalho e na obrigação de escrever me causava dor de cabeça; era, a todo momento, uma sensação de que estava forçando um parto. Não era ainda o momento nem a hora ideal para terminar. Além disso, não estaria sendo honesta comigo mesma, com você, leitor(a), e com o meu projeto de vida (que é o que este livro também representa para mim) se insistisse em continuar. Mas não pense que parar temporariamente foi uma decisão fácil e imatura, porque não foi.

Em meio ao processo de produção e escrita, em julho de 2018, a minha avó materna, Maria Antunes de Carvalho, mais conhecida como Dona Cocota, morreu. Ela havia passado o último mês internada no hospital e seus problemas de saúde tinham se agravado. Antes disso, em um sábado, 16 de junho de 2018, fui entrevistar Dona Nazinha, esposa de sô Mário, quando aproveitei para visitá-la, já que a casa da minha avó estava no caminho. O que eu não poderia imaginar era que aquela seria

a última vez que nós duas estaríamos juntas em sua casa. Talvez, se não fosse aquela entrevista, eu não estaria lá quando a minha avó passou mal e não teria ajudado a socorrê-la; talvez, se não fosse por aquela conversa, eu nunca teria feito a minha última visita. E como tudo isso me afetou!

Por muito tempo, eu não conseguia deixar de pensar no dia daquela entrevista e na ida da minha avó para o hospital. Todas aquelas angústias misturaram-se com as crises de ansiedade que tive naquela época. E tudo aquilo me paralisava. Mas eu sentia que precisava ser forte: por mim, pela minha mãe e pela minha avó. Por isso, ainda em meio ao luto, tentei continuar... Mas era tudo muito lento, árduo, amargo e sem motivação ou foco.

Por diversas vezes, quando ia dormir na casa da vovó Cocota e levava algum livro ou o notebook, ela me dizia que eu iria “ficar doida” de tanto estudar. Não enlouqueci, mas o meu limite chegou. Por isso, em meio a tantos problemas pessoais, à ansiedade, à morte da minha avó e, por último, mas de grande impacto, às eleições presidenciais de 2018, percebi que não tinha como continuar. E, na briga com o relógio e com questões internas, foi preciso reconhecer que não dava mais para seguir adiante e que seria necessário parar por um tempo. Era isso ou comprometeria ainda mais a minha saúde e a qualidade do meu trabalho.

Vovó Cocota também sabia tecer, mas a sua paixão era a costura. Sempre que terminava de costurar algo, guardava fielmente as suas agulhas em um pedacinho de pano para que elas não sumissem. Como uma metáfora da vida, às vezes, o que precisamos fazer é nos guardarmos em um lugar seguro para não nos perdermos, da mesma forma como as agulhas da minha avó. E foi isso que fiz. Para não me perder nas costuras das tramas e dos artesãos que compõem este livro, deixei o trabalho repousar e que o seu tempo se cumprisse sozinho.

Por dois meses, não abri nenhum arquivo que fosse relacionado ao meu trabalho. Evitava falar do assunto e tentei bloqueá-lo da minha mente. Nesse tempo, mantive a minha atenção em outros projetos, especialmente, na produção do meu fanzine de poesia *Poexistir*, sobre algumas das minhas inquietações relacionadas ao período eleitoral. Fiz poesia com a

minha dor e foi o que me ajudou a processar e materializar todos os meus medos e angústias para voltar à escrita deste livro.

Se, por um lado, a morte da minha avó e as eleições presidenciais de 2018 me afetaram fortemente por um período, por outro, a minha insegurança foi (e ainda é) a minha maior inimiga durante a escrita. Para mim, não bastava apenas narrar aquelas histórias; tinha de ser a melhor narrativa, da forma mais bonita, lírica e informativa possível. Apesar de ter relutado em admitir, acredito que o fato de ser cachoeirense indiretamente me reprimia, pois tinha medo de escrever algo que fosse errado ou que não atendesse às expectativas das pessoas (e às minhas). Entre as aflições, a escrita travava; nada estava bom ou fazia sentido. Às vezes, sentia que faltava uma habilidade específica, um olhar mais atento para o que estava ao meu redor... Um arremate especial para o texto. E escrevia, reescrevia, apagava, trocava a ordem dos parágrafos... Era uma busca incansável pela perfeição.

Por isso, colocar no papel ou, no caso, em uma tela em branco, todas as ideias, emoções, sentimentos que floresceram durante a produção deste livro (e ainda florescem) nem sempre foi um processo fácil. Pelo contrário: momentos de angústias e incertezas levaram-me a questionar se valeria a pena todo o esforço. Nesses momentos, confesso: pensei em desistir.

Em uma noite de sábado, enquanto lidava com as minhas frustrações, encontrei no YouTube um vídeo chamado “Sobre seguir em frente”¹¹, que me fez pensar em várias questões que estavam me incomodando e, especialmente, sobre o meu livro. No vídeo, o poeta e cantor Pedro Salomão, ao citar uma frase de um pintor, disse que um artista nunca termina uma obra, mas a abandona. Isso porque nunca estaremos completamente satisfeitos com o nosso trabalho; sempre haverá algo que nos incomodará e que nos fará acreditar que poderíamos melhorar. É nessa busca sedenta pela perfeição que está o nosso maior obstáculo. Por isso, para ele, “chega um determinado momento que a gente precisa liberar a arte pro mundo, pra gente conseguir seguir em frente e continuar com novos projetos”.

¹¹ SALOMÃO, Pedro. *Sobre seguir em frente*. 2019 (3m29s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aKct10Cz5Co>>. Acesso em: 23. fev. 2019.

Ao ouvir tudo isso, pensei que era preciso seguir em frente. Não adiantaria mais continuar no mesmo lugar, deixando as coisas apenas acontecerem e passarem por mim sem que eu fizesse algo a respeito. Era hora de seguir em frente, de enfrentar as minhas angústias e escrever tudo o que eu pretendia (se conseguisse) sem me preocupar com o perfeccionismo. Era preciso avançar para o momento em que poderia abandonar a minha arte para que o mundo também a conhecesse; para que outras pessoas soubessem quem foi Cassiana Ferreira Nunes, Artur Pereira, Adão de Lourdes Cassiano, Mário Eleutério Ramos e Geraldo José Teixeira.

Era hora de oferecer o meu melhor sem amarras e entender que, mais importante do que alcançar um resultado excelente e sem defeitos, era me esforçar para fazer o melhor trabalho que eu tivesse condições de realizar, respeitando as minhas limitações. Começar a pensar assim foi um processo importante para que eu finalmente conseguisse terminar, aos poucos, a escrita desta obra.

Por isso, este texto é como se fosse o meu arremate no tecer dessas tramas. É um pedaço de mim e de tudo o que me afetou para tentar fazer que você, leitor(a), sinta parte das emoções que em mim floresceram durante os dois anos de produção e escrita deste livro. É uma forma de trazê-lo(a) para perto de mim e, juntos(as), arrematarmos as histórias desses artesãos cachoeirenses (e a minha). Mas, acima de tudo, é um texto sobre as minhas descobertas; porque é isso que este livro representa: descobertas sobre mim e sobre o outro.

Em cada conversa, em cada encontro, em cada palavra escrita, o novo ser revelou-se para mim. E, quando digo que foi descoberta, não se limita apenas às histórias de Cassiana ou de sô Artur, mas também aos personagens que eu conheci e conheço desde a minha infância e às outras pessoas que entrevistei para este livro, pois me envolvi não só por aquilo que me narravam sobre os perfilados, mas também pelas suas próprias histórias. Em alguns momentos, a minha vontade era escrever um perfil sobre cada uma das pessoas com quem conversei, da mesma forma como decidi incluir Adão entre os personagens. Foram essas descobertas que me encantaram durante o trabalho.

Ao escrever esses perfis, mesmo com algumas limitações, pude perceber parte dos diversos “eus” de cada personagem, suas histórias, medos e ambições. O meu olhar sobre essas pessoas e suas vidas não é mais o mesmo que tinha no início da produção deste livro. Hoje, é um olhar carregado de fascínio e que valoriza ainda mais o trabalho e a vida de Cassiana, Artur, Adão, Mário e Geraldo, por conhecê-los melhor.

Em junho de 2019, depois de apresentar um trabalho sobre este livro, ouvi de alguém que, na realidade, são seis os personagens que protagonizam esta obra. Isso porque ele sentia e via um pouco de mim e das minhas afetações nas histórias de cada um dos artesãos que profilei. E, no fundo, eu acredito nisso: que em cada linha que escrevi sobre Cassiana, Artur, Adão, Mário e Geraldo, mais do que o meu olhar sobre a história deles, há muito de mim e da minha história também. Ao final, foram eles que me modificaram e fizeram muito por mim; mais do que eu por eles. Por tudo isso, eu sempre serei grata.

Mais do que pelo tempo, o artesanato e a escrita estão unidos pelas mãos. Mãos que transformam a pedra-sabão, o sisal, a madeira e as palavras em artes. Mãos que são firmes e fortes. Mãos que, em cada traço e cicatriz, contam uma história e uma (r)existência. Mãos que, mesmo calejadas, são tomadas de delicadeza ao fazer o artesanato. Se, no passado e no presente, Cassiana, Artur, Adão, Mário e Geraldo escreveram e escrevem as suas histórias pelas suas mãos, ao criarem arte e beleza, foi pelas minhas mãos que essas histórias foram (re)contadas. E, agora, juntas, as nossas mãos arrematam parte das nossas histórias.

SOBRE A AUTORA

Thalia Gonçalves é jornalista graduada pela Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). Em 2019, seu perfil “O tropeiro que tinha medo de ser esquecido” venceu, na XXVI Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom), o prêmio de melhor produto na modalidade Jornalismo Literário e/ou de Opinião na região Sudeste. Em 2020, seu poema “Tecendo histórias, tapetes e afetos” obteve o 2º lugar no Edital de literatura da Lei Aldir Blanc da Prefeitura Municipal de Mariana.

Este livro foi desenvolvido com as fontes Berkeley
Oldstyle e Pill Gothic, conforme Projeto Gráfico
aprovado pela Diretoria da Editora UFOP.

...um trabalho rigoroso de apuração jornalística, mas, principalmente, dos laços que foram (re)estabelecidos com os personagens perfilados, que ultrapassam o que foi registrado e que são anteriores ao processo de produção deste livro. Mãos que contam histórias: vida e obra de artesãos cachoeirenses é um convite para que você, leitor(a), conheça e se encante pela arte local. Mais do que isso, é uma forma de valorizar os artesãos locais que, com dedicação e paixão, deram e dão vida à cultura popular brasileira.

Mãos que contam histórias: vida e obra de artesãos cachoeirenses narra, por meio de perfis jornalísticos, as histórias de cinco artesãos do distrito marianense de Cachoeira do Brumado (MG). São eles: Cassiana Ferreira Nunes, Artur Pereira, Adão de Lourdes Cassiano, Mário Ramos Eleutério e Geraldo José Teixeira. Ainda, cada perfil é acompanhado por um texto onde a autora conta sobre os seus afetos e memórias experimentados durante a produção deste livro.



ISBN 978-65-89785-12-5

